

O maior nível de pobreza da história 62,9 milhões de brasileiros vivem com até R\$ 497,00

HORA
DO POVO

ANO XXXII - Nº 3.8636 a 12 de Julho de 2022

★ ★ ★ ★ ★

Ricardo Stuckert

Carestia desenfreada e arrocho salarial fazem miséria explodir no país

O contingente de brasileiros que ganham menos de meio salário mínimo aumentou em 9,6 milhões, entre 2019 a 2021. É o que demonstra um levantamento da Fundação Getúlio Vargas (FGV), divulgado na quarta-feira (29). De acordo com dados do Mapa da Nova Pobreza, em 2021, 62,9 milhões de brasileiros, ou cerca de 29,6% da população total do país, viviam com renda domiciliar per capita até R\$ 497 mensais. O maior nível de pobreza da série histórica iniciada em 2012. “A pobreza nunca esteve tão alta no Brasil”, afirma a FGV. **Pág. 2**



Lula: “Queremos as FFAA bem equipadas e comprometidas com a democracia”

“O Brasil independente e soberano que queremos não pode abrir mão de suas Forças Armadas. Não apenas bem equipadas e bem treinadas, mas sobretudo as Forças Armadas comprometidas com a democracia”, disse o ex-presidente Lula, em ato na Arena Fonte Nova, em Salvador, Bahia, pela passagem do “2 de Julho”, dia da vitória na batalha de Pirajá, da Independência Nacional. “Tenho certeza que as Forças Armadas estarão ao lado do povo brasileiro na nossa luta por uma nova independência, como estiveram em momentos importantes da nossa história”, acrescentou. **Pág. 3**

Ciro e Tebet também celebram heróis da independência na BA

Os presidenciáveis **Ciro Gomes (PDT)** e **Simone Tebet (MDB)**, assim como **Lula (PT)**, participaram no sábado da cerimônia do 2 de Julho e do tradicional cortejo que percorre o centro da cidade de Salvador. O vice de Lula, **Geraldo Alckmin (PSB)**, também participou. A data comemora 199 anos das lutas da Independência do Brasil na Bahia. **Pág. 3**



Guru das milícias reclama que Lula quer transformar clube de tiro em bibliotecas

É tão lunático que recentemente ofendeu os cristãos debochando de Jesus Cristo ao dizer que “se ele pudesse, teria uma pistola”. **Jair Bolsonaro** achou que estava atacando Lula ao dizer que o ex-presidente trocaria armas por livros. Na Bahia (foto), o desocupado foi passear de moto. **Página 3**

I

REAL
BRASIL

Nas bancas
toda quarta
e sexta-feira

México constrói a 7ª refinaria da Pemex atrás da autossuficiência

Construção da Refinaria de Olmeca-Dos Bocas, da Pemex, visa pôr fim à dependência, pois o país atualmente importa 70% da gasolina que consome. **Pág. 7**



Bombardeio de Belgrado pela Otan em 1999

China alerta que Otan é ‘desafio sistêmico’ à paz e estabilidade globais

Reagindo ao “novo conceito estratégico” aprovado pela Otan na recém encerrada cúpula de Madri, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, **Zhao Lijian**, classificou a própria aliança bélica a soldo dos EUA de “desafio sistemático à paz e estabilidade globais”. Zhao assinalou que a Otan “tem o sangue da população global em suas mãos” e que tem buscado avançar sobre “novas áreas e domínios”. **Pág. 7**

O número de denúncias de assédio sexual dentro de órgãos federais é o maior dos últimos sete anos, apontam dados da Controladoria-Geral da União (CGU). Na quarta-feira (29), o presidente da Caixa Econômica Federal, **Pedro Guimarães**, indicado por **Jair Bolsonaro**, pediu demissão depois de ser denunciado por funcionárias da estatal. Os dados da CGU mostram que as denúncias de assédio sexual em órgãos federais vêm crescendo ano após ano desde o começo do governo Bolsonaro. O número de casos em 6 meses de 2022 já equivale a 2021 todo. **Pág. 3**

Adilson Araújo: Bolsonaro mata o povo de fome e engorda bancos

“A carestia é a questão que mais suplicia o povo brasileiro”, afirma o presidente da CTB, **Adilson Araújo**, em entrevista ao HP. Para ele, “o tripé macroeconômico foi nefasto para o país”, e “é necessário que o novo governo revogue a EC 95, bem como faça mudanças profundas na política trabalhista”. **Pág. 5**



Foto: Arnaldo Alves/AEN-PR

Preço do ovo explode em mais de 200%

A carestia levou as famílias brasileiras a deixarem de consumir carne vermelha e frango. Os ovos, que assumiram protagonismo nos pratos como alternativa mais barata para as refeições, também tiveram os preços explodindo. A dúzia do ovos subiu 202,13% acima da inflação oficial desde março de 2020, segundo a 3ª edição do Estudo Sobre Variação de Preços dos Produtos na Pandemia, realizado pelo Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT).

Na pandemia, enquanto governantes se preocupavam em garantir a segurança alimentar de seus cidadão, Bolsonaro ironizava o aumento dos preços do feijão: “todo mundo tem que comprar fuzil”. Sob seu desgoverno, o consumo de carne no Brasil foi o menor em 25 anos, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O frango e o ovo de galinha foram a alternativa para alguns milhões de brasileiros, para outros restaram as filas dos “ossinhos” em doações de açougues ou a busca em caçambas de supermercados por algum resto de alimento para a família. A fome explodiu de 10 milhões em 2018 para os atuais 33 milhões de brasileiros sem comida, segundo a Rede Penssan.

O IBPT analisou 40 produtos entre março de 2020 e maio de 2022. A variação média de preços foi de 57,50% no período, o que representa um índice 37,60% acima da inflação oficial acumulada em 19,9% no período, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

“Na primeira edição do estudo, divulgada em agosto de 2021, o produto que apresentou maior variação de preço, acima da inflação oficial, foi o arroz, com índice de 122,97%. Já na segunda edição, de fevereiro deste ano, o destaque foi a carne bovina, que havia aumentado 133,70%, nessa mesma comparação. Agora temos os ovos (dúzia), como o grande vilão com índice de 202,13% acima da inflação”, ressaltou o presidente executivo do IBPT, João Eloi Olenike.

Além do ovo, item básico da cesta de alimentos de qualquer família, os produtos básicos que apresentam variações explosivas em relação à inflação oficial foram o açúcar (diferença de 110,51%), a farinha de mandioca (104,60%) e a carne bovina (91,11%).

62 milhões estão com as contas básicas em atraso

Com o custo de vida cada vez mais incompatível com as rendas, o número de brasileiros com o nome no vermelho voltou a crescer em maio. De acordo com os dados da pesquisa mensal de Inadimplência Nacional de Pessoas Físicas da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), quatro em cada dez adultos estavam inadimplentes. Percentualmente, 38,68% da população adulta estava negativada por deixar de pagar contas e dívidas, o que representa 62,37 milhões de pessoas.

Sentindo os efeitos de uma inflação acumulando dois dígitos há mais de 12 meses, do desemprego e da precarização do trabalho – marcas do governo Bolsonaro – o número de inadimplentes cresceu 5,81% desde maio de 2021. Em relação a abril deste ano, as condições de vida também pioraram: a pesquisa registrou aumento se 0,80% no número de brasileiros que não conseguem pagar

as contas.

O estudo também mostra que cresceu o número de negativados com contas em atraso entre 3 meses e um ano (44,73%), seguido de pessoas com débitos em aberto de até 80 dias (10,43%). Os números mostram que a deterioração das condições de vida acabam mantendo os consumidores inadimplentes por um longo período: o atraso médio das contas dos brasileiros é de 2 anos, 2 meses e 24 dias.

Com a taxa básica de juros elevada a 13,25% ao ano por decisão do governo, em maio destacou-se o crescimento de 20,71% sobre maio passado das dívidas com os bancos.

Sem conseguir equilibrar as contas até mesmo para o mais básico, cresceu também a inadimplência com contas de água e luz.

Em termos de participação, a maior parte das dívidas das pessoas físicas negativadas era com os bancos (58,48%), comércio (13,69%), água e luz (11,12%) e comunicação (9,37%).

62,9 milhões na pobreza vivem com renda de até R\$ 497, diz FGV



Foto: Reprodução FGV Social

Sob Bolsonaro, 15,5 milhões vivem com renda de R\$ 172 por mês

Sem dinheiro, aumentam em até 77% os pedidos de renegociação da conta de luz

Com carestia e queda na renda, além de SP, com alta de quase 77% nos cinco primeiros meses do ano, os pedidos cresceram 50% no RJ, GO e CE, diz Enel

Os brasileiros estão tendo que escolher se comem ou se pagam as contas. Com a inflação disparada e a corrosão das rendas, cresce diariamente o número de pessoas que deixam de pagar o boleto das contas básicas – como luz.

A distribuidora de energia Enel, em São Paulo, registrou um aumento de quase 77% nos pedidos de negociação e parcelamento de dívidas com contas de energia nos cinco primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. Somando outros estados atendidos pela empresa (Rio de Janeiro, Goiás e Ceará), a média de alta no número de consumidores que não tiveram como pagar as contas e recorreram à negociação de dívidas foi de 50% em relação ao mesmo período do ano passado. De acordo com a Enel, mais de 193 mil pessoas pediram negociação este ano, algumas delas, depois de terem o fornecimento de energia suspenso em suas residências.

Este é o caso de Ronaldo Zamba, motorista de aplicação entrevistado por reportagem do Jornal Nacional.



Foto: Marcello Casal Jr/Agência Brasil

Trabalhando em condições precárias e sem renda fixa, Ronaldo ficou sem energia em casa e procurou o serviço da companhia de distribuição para renegociar quatro contas atrasadas e ter luz religada.

“Eu optei por fazer isso, pagar três, quatro contas por dia, não vou pagar os juros, e eles ligam de novo. E não deixar atrasar mais, né? Porque ficar sem luz não dá, né?”, relata.

A parcela de inadimplentes com as contas básicas também aparece crescendo nas pes-

quisas de endividamento. Na semana passada, a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) mostrou que, em maio, 38,68% da população adulta estava negativada – o que representa 62,37 milhões de pessoas. Antes, a participação de atrasos com contas de luz e água era mínima já que as famílias as priorizavam, mesmo no aperto, para não ficar sem fornecimento. Agora, já representa 11,12% das dívidas não quitadas.

Renda desaba 7,2%, mesmo com desemprego parando de crescer

O desemprego continua atormentando a vida de milhões de brasileiros. A retomada das atividades econômicas após a pandemia não foram suficientes para absorver o contingente de brasileiros que continuam em busca de trabalho em meio à inflação galopante, aos preços explodindo e à fome rondando os lares de milhões de pessoas, sendo que 33 milhões não têm o comer.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), divulgada nesta quinta-feira (30), pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de desocupação ficou em 9,8% no trimestre encerrado em maio, frente ao trimestre imediatamente anterior (dez, jan e fev), mas a renda do brasileiro continua archoada e desabou 7,2% na comparação com o mesmo trimestre do ano passado.

Os dados da pesquisa revelam que, diante de uma economia estagnada e ao mesmo tempo sofrendo com o desemprego e com altas generalizadas dos preços, a retomada do emprego se dá, principalmente, por meio de postos de trabalho de atividades de baixa qualidade, com salários menores do que os trabalhadores recebiam quando ocupavam a mesma função no emprego anterior, do avanço do trabalho sem carteira assinada e pelos famosos “bicos”. Por consequência disso, além do arrocho sobre os proventos

do funcionalismo público, o rendimento médio do trabalhador caiu de R\$ 2.817 para R\$ 2.613.

Diante da crise em que Bolsonaro afundou o país, com as mais altas taxas de desemprego, inflação, juros, pobreza, endividamento e inadimplência das famílias e das micro e pequenas empresas, o governo não apresenta nenhuma solução, só pensa em motociatas, em passeios e criar confusão e piorar a economia.

39,1 MILHÕES NO TRABALHO PRECÁRIO

De acordo com IBGE, a precarização do trabalho atinge 40,1% da população ocupada (97,5 milhões). São 39,1 milhões de brasileiros sem qualquer direito trabalhista.

O número de trabalhadores sem carteira assinada de 12,8 milhões de pessoas no período foi o maior da série da pesquisa em 2012. O trabalho sem carteira assinada no setor privado cresceu 4,3% em relação ao trimestre anterior (mais 523 mil pessoas) e 23,6% (2,4 milhões de pessoas) no ano.

Ainda no rol dos trabalhadores descalços de direitos trabalhistas estão aqueles que exercem atividades por conta própria e os chamados empregadores – conhecidos como PJs, que são aqueles trabalhadores mais qualificados e – por consequência, têm salário mais alto – e que pressionados pela falta de emprego exercem atividades para empresas como pessoa

jurídica para não pagarem os encargos relativos aos salários.

25,7 MILHÕES DE PESSOAS POR CONTA PRÓPRIA

O número de trabalhadores por conta própria (25,7 milhões de pessoas) manteve-se estável ante o trimestre anterior, mas subiu 6,4% (mais 1,5 milhão de pessoas) no ano. E o número de brasileiros que desistiram de procurar emprego continua alto: são 4,3 milhões de pessoas.

Somando desempregados, subocupados por insuficiência de horas e as pessoas que não estão em busca de emprego, mas que estariam disponíveis para trabalhar, havia ao todo 25,4 milhões de pessoas subutilizadas no trimestre móvel de março a maio de 2022.

O número de empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado (desconsiderando trabalhadores domésticos) foi de 35,6 milhões, subindo 2,8% (981 mil pessoas) frente ao trimestre anterior e 12,1% (mais 3,8 milhões de pessoas) na comparação anual. O número de empregados no setor público (11,6 milhões de pessoas) cresceu 2,4% frente ao trimestre anterior e ficou estável na comparação anual.

Já o número de trabalhadores domésticos (5,8 milhões de pessoas) apresentou estabilidade no confronto com o trimestre anterior e subiu 20,8% (mais 995 mil pessoas) no ano.

“A pobreza nunca esteve tão alta no Brasil: 33,5 milhões de brasileiros vivem com renda domiciliar per capita até R\$ 289 mensais, 15,5 milhões com renda de até R\$ 172 mensais e 12,6 milhões com renda de até R\$ 105 mensais”, aponta estudo da FGV-Social

O contingente de brasileiros que ganham menos de meio salário mínimo aumentou em 9,6 milhões, entre 2019 a 2021. É o que demonstra um levantamento da Fundação Getúlio Vargas (FGV), divulgado na quarta-feira (29).

De acordo com dados do Mapa da Nova Pobreza da FGV, em 2021, 62,9 milhões de brasileiros, ou cerca de 29,6% da população total do país, viviam com renda domiciliar per capita até R\$ 497 mensais. O maior nível de pobreza da série histórica iniciada em 2012.

“A pobreza nunca esteve tão alta no Brasil”, afirma a FGV na apresentação do estudo com base em microdados da pesquisa PNAD Contínua do IBGE, que tem como objetivo avaliar a evolução espacial da pobreza nos últimos anos. Segundo o estudo, esse aumento da pobreza no governo Bolsonaro corresponde a “quase um Portugal de novos pobres”.

O estudo também apontou que 33,5 milhões de pessoas vivem com renda domiciliar per capita até R\$ 289 mensais; 15,5 milhões vivem com até R\$

172 mensais; e 12,6 milhões subsistindo com renda de até R\$ 105 mensais.

Por regiões, a FGV destacou que os Estados com as maiores taxas de pobreza são: Maranhão (57,90%), Amazonas (51,42%), Alagoas (50,36%), Pernambuco (50,32%), Sergipe (48,17%), Bahia (47,33%), Paraíba (47,18%), Pará (46,85%), Amapá (46,80%), Roraima (46,16%), Ceará (45,89%), Piauí (45,81%), Acre (45,53%), Rio Grande do Norte (42,86%), Tocantins (33,59%) e Rondônia 31,65%.

Os dados da FGV, somada à recente divulgação de 33,1 milhões de brasileiros passando fome no país em 2021 (em 2018 eram 10 milhões), revelam que Bolsonaro, além de uma condução desastrosa na pandemia de Covid-19 – que permitiu a morte de milhares de brasileiros –, atirou a população para extrema miséria por meio da sua política econômica de destruição do Estado, que trouxe de volta o inferno da inflação, e que levou para o avanço da deterioração da renda do trabalhador e o aumento do desemprego no país.

Preço do leite longa vida se aproxima de R\$ 10,00

A tragédia econômica que o governo Bolsonaro está impondo ao país não está restrita aos aumentos absurdos da gasolina, do diesel e do gás de cozinha. O leite longa vida está sendo vendido por preços que vão de R\$ 7,00 a R\$ 10,00 o litro.

No acumulado de 12 meses, fechados em março, o valor do leite longa vida avançou 20,47%, na região metropolitana de Porto Alegre, segundo dados do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O IPCA no período foi de 10,38%.

Somente em março, o produto apresentou crescimento mensal de 14,06% no valor.

De abril para maio o aumento para o produtor foi de 4,8%. Entre as causas do aumento, segundo especialistas, estão, além da entressafra, a falta de grão no mercado interno e os aumentos de custos provocados pela alta de combustíveis.

A reação da população aos preços foi de espanto. “Minha mãe hoje gritou no meio do mercado quando viu o preço do leite. Não é mentira. Estava quase R\$ 9”, escreveu uma mulher em seu perfil no Twitter na segunda-feira (27), protestando contra os aumentos. “Pelo amor de Deus! Alguém sabe me explicar o que está acontecendo? Por que raios o leite ficou o dobro do preço em uma semana?”, questionou uma outra internauta na terça-feira (28).

A explicação dos produtores é de que o desembolso com a alimentação do rebanho segue em patamar elevado, já que os preços das commodities, como soja e milho, estão subindo no mercado internacional. Como todos esses preços, tanto das commodities como de combustíveis, estão dolarizados e o governo não faz nada, o preço final do leite está ficando proibitivo.

Este descaso das autoridades está tirando mais uma fonte de proteína – a

carne já passa longe – da mesa da população mais pobre, principalmente das crianças. Segundo Natália Grigol, pesquisadora do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), mesmo com a safra de grãos no segundo semestre, a tendência é de manutenção dos preços altos em função da demanda mundial.

“Ainda que o mercado de grãos sinalize preços mais baratos com o início da safra, é possível que a demanda global drene a oferta doméstica — e isso pode ser intensificado pelo câmbio desvalorizado. Por isso é difícil de prever uma reversão dos preços de alimentos, como os derivados, diante do mesmo posicionamento macroeconômico que o Brasil tem adotado”, afirma a pesquisadora.

Sem nenhum controle por parte do governo, e também sem estoques reguladores, o abastecimento interno de grãos está sendo altamente prejudicado. Isso aumenta os custos dos produtores leiteiros e provoca alta nos preços. Natália ressaltava que, nesse período, os insumos que mais pesaram para o produtor foram: a ração — por causa da valorização no mercado de grãos —, o aumento de exportações de grãos e a queda na disponibilidade interna, os suplementos minerais, os fertilizantes e o combustível.

O descontrole do governo na questão do abastecimento do mercado interno vem desestimulando a produção interna. “Toda alimentação animal foi se encarecendo nos últimos anos. Tanto a alimentação concentrada (ração) quanto a volumosa (pastagem) foram afetadas pela alta de combustíveis e fertilizantes. Isso levou muitos pecuaristas a saírem da atividade ou a enxugarem investimentos”, acrescentou Natália Grigol, destacando que “como consequência, a estrutura produtiva, agora, enfrenta dificuldades para elevar o nível de oferta, e os preços ao produtor estão se elevando desde janeiro”.

Escreva para o HP
horadopovo@horadopovo.com.br

HP
HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua José Getúlio, 67, Cj. 21
Liberdade - CEP: 01509-001
São Paulo-SP
E-mail: inc24agosto@uol.com.br
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000
Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hprj@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barroso/Passagem Ana Deusa, 140 Curio-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823
Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Ex-presidente esteve no desfile do 2 de Julho

“Queremos nossas Forças Armadas bem equipadas e comprometidas com a democracia”, afirma Lula

“O Brasil independente e soberano que queremos não pode abrir mão de suas Forças Armadas. Não apenas bem equipadas e bem treinadas, mas sobretudo as Forças Armadas comprometidas com a democracia”, disse o ex-presidente Lula, em ato na Arena Fonte Nova, em Salvador, Bahia, pela passagem do “2 de Julho”, dia da vitória na batalha de Pirajá (bairro da periferia de Salvador), da Independência Nacional.

“Tenho certeza que as Forças Armadas estarão ao lado do povo brasileiro na nossa luta por uma nova independência, como estiveram em momentos importantes da nossa história”, acrescentou o presidente da federação Brasil da Esperança (PT, PCdoB e PV) em coligação com PSB, Rede, PSOL e Solidariedade.

O ex-presidente estava acompanhado do ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin (PSB), pré-candidato a vice em sua chapa e defendeu o processo democrático. Ele criticou Bolsonaro e disse a desconfiança dele não é da urna, mas sim do povo brasileiro. Lula disse também que as FFAA devem estar comprometidas com a democracia e “devem cumprir o que está na Constituição”.

“E preciso superar o autoritarismo e as ameaças antidemocráticas. Não toleraremos qualquer espécie de ameaça ou tutela sobre as instituições representativas do voto popular”, prosseguiu o pré-candidato.

Acompanhavam também Lula no palanque o senador Otto Alencar (PSD-BA), o governador da Bahia, Rui Costa (PT), o ex-secretário de Educação do governo do Estado Jerônimo Rodrigues, candidato da frente democrática ao governo baiano, e Geraldo Júnior (MDB), indicado ao posto de vice na chapa de Rodrigues.

Lula também fez comentários sobre a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) aprovada nesta semana pelo Senado que cria e amplia benefícios sociais dirigidos para alguns setores, entre eles o “Pix Caminhoneiro” de mil reais mensais e o aumento de R\$ 400 para R\$ 600 do Auxílio Brasil, só até o final de dezembro deste ano.

Na avaliação do ex-presidente, os beneficiários da chamada “PEC das Bondades” deveriam “pegar todo o dinheiro” e não votar em Bolsonaro nas eleições de outubro – Lula lidera as pesquisas eleitorais. “Eu queria dizer para ele [Bolsonaro] o que o povo baiano está dizendo para ele: ‘Bolsonaro, aprove as suas leis, porque a gente vai pegar todo o dinheiro que você mandar, mas a gente não vai votar em você’”.

Lula disse que os baianos estão dizendo que vão votar “em outras pessoas”. “Porque o dinheiro que ele está dando agora é só até dezembro”, afirmou o ex-presidente. Pesquisa Datafolha divulgada no final do mês maio apontou que 59% dos beneficiários do Auxílio Brasil, que substituiu o Bolsa Família, prefere Lula. Entre os eleitores que recebem o benefício, 20% votam no atual mandatário do país.

“PEC de Bolsonaro é o maior programa de compra de votos da história”, diz Orlando Silva

O deputado federal Orlando Silva (PCdoB-SP) denunciou que Jair Bolsonaro “preferia fazer motociata e zombar do povo” quando “não estávamos às vésperas da eleição”, mas agora quer aumentar benefícios para comprar votos através da PEC do Desespero.

“Eu não dou arma na mão de assassino e nem cheque em branco para ladrão! Não contem comigo para essa farsa! PEC do desespero, não!”, escreveu Orlando nas redes sociais.

Para o deputado, a PEC, que decreta um estado de emergência “fajuto” visando ganhar votos para Bolsonaro e atropelando a legislação eleitoral, é o “maior programa de compra de votos da história”. O pacote deve custar R\$ 41,25

bilhões aos cofres públicos a três meses das eleições.

“É uma afronta à Constituição Federal e à Lei 9504/97, que rege as eleições, criando uma situação de ilegalidade consentida por desespero eleitoral de Bolsonaro”, disse Orlando Silva.

O governo de Jair Bolsonaro “arruinou o país, produziu milhões de desempregados, inflação descontrolada, disparada de preços de produtos essenciais e mais de 30 milhões de famintos, além de um rombo nas contas públicas para comprar apoio político”, acrescentou.

“Enquanto as pessoas pegavam comida no lixo, mas não estávamos às vésperas da eleição, Bolsonaro preferia fazer motociata e zombar do povo”, enfatizou.

Bolsonaro reclama que Lula quer trocar armas por livros



Bolsonaro facilita o acesso às armas e a criminalidade aumenta no país

Sob Jair Bolsonaro, há uma denúncia de assédio sexual por dia no governo federal

O número de denúncias de assédio sexual dentro de órgãos federais é o maior dos últimos sete anos, apontam dados da Controladoria-Geral da União (CGU). Na quarta-feira (29), o presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, indicado por Jair Bolsonaro, pediu demissão depois de ser denunciado por funcionárias da estatal.

Os dados da CGU mostram que as denúncias de assédio sexual em órgãos federais vêm crescendo ano após ano desde o começo do governo Bolsonaro.

Em 2019, foram 155 denúncias; em 2021, esse número saltou para 251, representando um crescimento de 65,1%. Nos seis primeiros meses de 2022, o número de denúncias de assédio sexual já é 214. Caso seja mantido esse ritmo, o número poderá ser o dobro do que foi em 2021.

Os canais recebem denúncias desde ministérios até outros órgãos como universidades

Maníaco da CEF colocava pimenta na comida dos funcionários e os obrigava a comer

Após a demissão, a contragosto, tanto do assediador quanto do presidente Jair Bolsonaro (PL), em razão do escândalo de assédio sexual, o ex-presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, está no centro de outras acusações e coação moral contra os funcionários da empresa.

Audios enviados em grupos de colaboradores no WhatsApp, aos quais a imprensa teve acesso, revelam sessões de intimidações e xingamentos do ex-gestor aos subordinados.

Em reunião, Guimarães pede a Celso Leonardo Derzié, vice-presidente, para anotar os CPF de todos os que estavam presentes, para que fossem punidos se o teor da reunião vazasse.

“Quem for responsável, vai deixar de ser. Ou o vice-presidente, ou o diretor, ou o superintendente nacional, ou o gerente nacional... Eu quero o CPF de todo mundo”, disse o assediador, que se comportava como capacho de Bolsonaro.

Os funcionários relatam que Guimarães era autoritário e usava palavrões no dia a dia, termos pornográficos e expressões ácidas que mexiam com a auto-estima deles. “‘Pau mole’, ‘júnior’, ‘faixa branca’... É assim que ele chama todo mundo”, afirma um dos empregados da Caixa.

O assédio moral do maníaco vinha acompanhado das expressões de cunho sexual, segundo o

federais. Não são computadas as denúncias de estatais, como a Caixa ou a Petrobrás.

Aliado de longa data de Jair Bolsonaro, o ex-presidente da CEF, Pedro Guimarães, foi denunciado por ter assediado funcionárias da estatal de diversas formas. Ele deixou o cargo na quarta-feira.

Diversas funcionárias da instituição revelaram detalhes que mostram que Guimarães, além de fascista e de puxa-saco de Bolsonaro, é um tarado sem vergonha e descontrolado.

As vítimas contaram ao jornal Metrôpoles que o bolsonarista aproveitava viagens a trabalho para assediar, constranger e fazer convites inapropriados.

“Ele passou a mão em mim. Foi um absurdo. Ele apertou minha bunda. Literalmente isso”, denunciou uma delas.

“Ele disse: ‘A gente vai fazer um carnava- val fora de época (...) Ninguém vai ser de ninguém. E vai ser com

todo mundo nu’”, disse outra vítima.

“Ele dizia, apontando para nós: ‘nessa viagem fulano vai pegar você, beltrano vai pegar você’. Foi nojento”, relatou uma funcionária.

VICE

O braço direito do assediador Pedro Guimarães, o vice-presidente de Negócios de Atacado da Caixa Econômica Federal, Celso Leonardo Barbosa, será afastado das suas funções. Ele é o número 2 na hierarquia do banco.

Barbosa é lutador de MMA e era o executivo mais próximo de Guimarães na diretoria do banco. Ele foi citado na denúncia de uma funcionária na ouvidoria da Caixa como sendo colaborador do ex-presidente nos abusos contra as funcionárias.

O afastamento de Barbosa será discutido pelo conselho de administração da Caixa. É certo que a decisão será a de removê-lo do cargo enquanto as apurações internas não forem concluídas.

também indica Pedro Guimarães intimidando os funcionários e insinuando perda de cargos.

“Vocês só têm a perder. Cara, são malucos, não tenho que ligar para ninguém. Se deu, ok. Se não deu, ok. E acabou. Por que vocês vão tomar o risco de perder a função por uma coisa que eu não autorizei”, questionou.

No ano passado, Guimarães se envolveu em outro momento controverso da administração gestão dele no banco. Ele colocou funcionários da empresa para fazer flexões durante confraternização de fim de ano da instituição em hotel em Atibaia (SP).

Entidades de classe reagiram diante do caso e classificaram a ação como assédio moral.

ASSEDIO SEXUAL

Desde a última terça-feira (28), tornaram-se públicos os relatos de mulheres que acusam Pedro Guimarães de assédio sexual. Elas relatam abraços forçados, insinuações constantes e toques nas partes íntimas.

As denúncias embasam investigação do MPF (Ministério Público Federal) sobre a conduta do ex-presidente da Caixa e elevaram a pressão para que ele deixasse a gestão do banco. Como de fato deixou na última quinta-feira (30), contra a vontade dele e do próprio Bolsonaro, que só o demitiu por pressão do Centrão, por não contaminar o debate reeleitoral.

M. V.

Bolsonaro reclama que Lula quer trocar armas por livros

É tão lunático que recentemente ofendeu os cristãos debochando de Cristo ao dizer que “se ele pudesse, teria uma pistola”. Lula criticou a violência e afirmou que quer livros no lugar de armas

Jair Bolsonaro achou que estava atacando e desmoralizando o ex-presidente Lula, que lidera as pesquisas de intenção de voto, ao dizer, em sua live de quinta-feira (30), que o ex-presidente e candidato da oposição fecharia os centros de tiro criados por ele e abriria centros de leitura. Que ele trocaria armas por livros.

“Não esqueça que o outro cara, o de nove dedos, já falou que vai acabar com o armamento no Brasil. Vai recolher as armas, clube de tiro vai virar biblioteca, como se ele fosse algum exemplo pra isso”, disse Bolsonaro, depois de homenagear um troglodita armado até os dentes, que não sabe nem o que é uma escola, com a medalha de Ordem do Mérito do Livro, da Biblioteca Nacional.

Lula havia realmente criticado a fixação de Bolsonaro em armas, nas milícias e na violência. Em 30 de abril, em um ato político, o ex-presidente afirmou que, se eleito, pretende “espalhar bibliotecas pelo país”. “Vamos trocar armas por livros”, disse Lula. “Se preparem, porque esses clubes de tiros que foram criados vão fechar, vamos criar clubes de leitura”, disse Lula. “Em vez de tiros, nós teremos livros”, assegurou o pré-candidato da Federação “Brasil da Esperança”.

Bolsonaro vive num mundo paralelo, num mundo das milícias, das armas, do ódio, das rachadinhas e da violência. Tudo nele gira em torno de um fuzil e de mortes. A ponto de afirmar, como fez recentemente, que se Jesus pudesse, teria adquirido armas. Ele ofendeu os cristãos ao debochar de Jesus Cristo no encontro com líderes evangélicos no Palácio Planalto.

Um dos bolsonaristas presentes na ocasião, para bajular o chefe, fez uma citação deturpada e imbecil sobre as escrituras: ‘Foi uma recomendação do próprio Jesus antes de ser crucificado. Ele mandou que quem não tem espada venda a vestimenta e compre uma espada’. Ao que Bolsonaro emendou rapidamente, dizendo: ‘só não comprou uma pistola porque naquela época não havia, hahaha’. Apesar da encenação religiosa, nada é mais distante do cristianismo e anticristão do que Bolsonaro e suas milícias.

Bolsonaro estimulou o cidadão comum a se armar e aumentou a possibilidade de acesso a armamentos com calibres maiores. O governo publicou até hoje 15 decretos presidenciais, 19 portarias, dois projetos de lei e duas resoluções que flexibilizam regras sobre armas.

O número de armas pessoais registradas no Exército e na Polícia Federal cresceu 77,5% em 2021, comparado com 2018. Atualmente, há 2,3 milhões de armas nas mãos de CACs (Co-

lecionador, Atirador Desportivo e Caçador), servidores civis, pessoas comuns e no acervo particular de militares.

Integrante do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Isabel Figueiredo relata que, desde 2017, Isabel Figueiredo observa com atenção o aumento do número de CACs. Ela afirma que o aumento de armas nas mãos dos CACs é algo que preocupa. Há um conjunto robusto de pesquisas que mostram que o aumento do número de armas em circulação gera uma tendência de aumento da criminalidade violenta, acidentes domésticos e suicídios, aponta a especialista.

No âmbito da criminalidade, ela conta que o impacto se dá nos conflitos: quando há alguma briga e existe uma arma de fácil acesso, a tendência é que o desfecho seja mais violento. O outro problema são os desvios de armas. “A arma legal migra facilmente para a ilegalidade. O cara perde a arma, é roubado. Em outros casos, a pessoa compra arma como CAC e, na verdade, ela integra o crime organizado e fornece a eles [criminosos] armamentos”, explica.

Segundo o Sistema de Dados do Escritório das Nações Unidas para Crimes e Drogas (Unodc), o Brasil responde por 20,4% dos homicídios no mundo, mesmo tendo apenas 2,7% dos habitantes do planeta. Enquanto, em 2020, em 102 países morreram 232.676 pessoas, só aqui foram quase 48 mil óbitos. O anuário revela que, em números absolutos, o Brasil lidera o ranking mundial de homicídios e é o oitavo país mais violento do mundo. Em volume de registros, apenas Índia (40.651) e México (36.579) possuem números tão grandes quanto os do Brasil.

Não satisfeito, Bolsonaro afirmou, em entrevista a um repórter fascista da Fox News, nesta semana, que gostaria de imitar a legislação americana sobre a venda e o porte de armas. Além de demonstrar o seu servilismo a tudo que vem dos EUA, principalmente da direita americana, a declaração de Bolsonaro aponta que ele quer implantar no Brasil o clima de chacinhas que ocorrem quase todos os dias naquele país.

Nos EUA são quase diários os casos de chacinhas onde lunáticos e neonazistas armados até os dentes saem nas ruas e matam pessoas a esmo, nos parques nos Shoppings, nas igrejas e nas escolas. O atentado mais repugnante aconteceu recentemente com o fuzilamento e morte de 19 crianças por um desses lunáticos que tinha apenas 18 anos e havia comprado tranquilamente o seu fuzil numa das milhares de lojas de armas que existem naquele país. E nisso que Bolsonaro quer transformar o Brasil.

“PEC do desespero é a grande fraude eleitoral destas eleições”, afirma Ciro

O ex-governador Ciro Gomes, pré-candidato à Presidência da República pelo PDT, criticou a PEC do governo para ampliar o pagamento de benefícios sociais (PEC 1/2022) em ano eleitoral aprovada pelo Senado na quinta-feira (30) à noite.

A PEC prevê R\$ 41,25 bilhões até o fim do ano para a expansão do Auxílio Brasil e do vale-gás de cozinha; para a criação de auxílios aos caminhoneiros e taxistas; para financiar a gratuidade de transporte coletivo para idosos; para compensar os Estados que concederem créditos tributários para o etanol; e para reforçar o programa Alimenta Brasil.

A proposta institui o estado de emergência para que o governo possa derramar dinheiro pelos quatro cantos visando vantagens eleitorais. Não fosse o estado de emergência, seriam proibidos gastos em ano eleitoral pela legislação. “Estado de emergência” é a forma do governo burlar essa limitação.

“Mais uma vez, em nome dos pobres, se comete um grave desvio institucional. Em um momento em que se discute,

com absoluta falsidade fática e conceitual, supostas ameaças de fraude eleitoral, acaba de ser cometida a grande fraude eleitoral destas eleições”, escreveu Ciro nas redes sociais.

“A tal PEC das Bondades – que deveria se chamar PEC do Desespero, PEC do Fim do Mundo, ou PEC da Vergonha – é mais um capítulo deste festival de PECs que assola o país, com o beneplácito dos Três Poderes. Um desmantelo institucional do qual todos nós viramos vítimas e cúmplices”, continuou o ex-governador e ex-ministro da Fazenda.

Para Ciro, a PEC representa um ataque à Constituição. “Ao povo, no seu estado de penúria, não se pode negar nada. Mas não se pode colocar no seu prato de comida os restos triturados da Constituição. Se continuarmos a fazer isso, seremos uma nação sem lei, sem estado de direito e sem democracia”.

A PEC agora vai para a Câmara dos Deputados. No Senado, ela foi aprovada por 72 votos e 1 contra, do senador José Serra (PCdoB-SP).

Brasil lidera ranking de homicídios e escalada de 473% de novas armas

Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública aponta que país registrou 47,5 mil mortes violentas e aumento dos roubos em 2021, ainda durante a pandemia

Os dados do 16º anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, divulgado na última terça-feira (28) mostraram que o país registrou mais assassinatos, mais roubos e mais armas de fogo nos últimos anos. Os dados também reúnem os casos de injúrias, estupro, violência doméstica, entre outros.

Apesar de uma queda pequena de 6,5% no número de mortes violentas no país, 47.503 foram assassinadas em 2021, demonstrando um número altíssimo de mortes de acordo com os dados do FBSP. Isso significa que 20,4% dos homicídios do mundo ocorreram no Brasil.

A taxa nacional é de 22,3 mortes violentas intencionais por 100 mil habitantes. O levantamento reúne homicídios dolosos, latrocínios (roubos seguidos de morte), lesões corporais seguidas de morte e mortes decorrentes de intervenções policiais.

As maiores taxas foram registradas no Amapá (53,8%), Bahia (44,9%), Amazonas (39,1%), Ceará (37%) e Roraima (35,5%).

Segundo o Sistema de Dados do Escritório das Nações Unidas para Crimes e Drogas (Unodc), o Brasil responde por 20,4% dos homicídios no mundo, mesmo tendo apenas 2,7% dos habitantes do planeta. Enquanto, em 2020, em 102 países morreram 232.676 pessoas, só aqui foram quase 48 mil óbitos.

O anuário revela que, em números absolutos, o Brasil lidera o ranking mundial de homicídios e é o oitavo país mais violento do mundo. Em volume de registros, apenas Índia (40.651) e México (36.579) possuem números tão grandes quanto os do Brasil.

No Brasil, 77,9% das vítimas dos homicídios são negras, 50% têm entre 12 e 29 anos, e 91,3% são homens. Segundo o estudo, 76% das mortes foram provocadas por armas de fogo.

A região Norte teve alta de 7,9% na violência letal, enquanto em todas as outras regiões do país houve queda na variação da taxa de mortes. A mais expressiva redução se deu no Centro-Oeste, onde houve baixa de 13,5%.

Para Samira Bueno, diretora-executiva do Fórum de Segurança Pública, são diferentes realidades em cada estado do país.

“Os estados do Sudeste têm mais recursos financeiros, tropas dentro das polícias mais estruturadas, e investiram muito em programas de prevenção, em fortalecimento da investigação. O que estão passando a região Norte e vários estados do Nordeste hoje é um pouco do que viveu o Sudeste nos anos 1990. Forças policiais estão tentando correr atrás do prejuízo para tentar dar conta desses desafios”, afirma.

O pico da violência no Brasil se deu em 2017, com 65 mil mortes. Naquele ano houve uma intensa disputa territorial entre facções. Desde que o anuário é elaborado, os números de mortes violentas tendem a ficar em torno de 50 mil óbitos. “Varia pouco de um ano para o outro, mas a gente não consegue romper com esse padrão de violência muito elevada, que também se dissemina na violência sexual, roubos e sequestros. Isso é uma marca da América Latina e faz parte da cultura, com padrões de comportamento violentos”, explica Samira Bueno.

Datena desiste de disputar Senado e enfraquece Bolsonaro em São Paulo

O apresentador de TV José Luiz Datena (PSC) afirmou nesta quinta-feira (30) que não será mais candidato ao Senado por São Paulo com o apoio de Jair Bolsonaro (PL). Em 13 de maio e em outras ocasiões, Datena anunciou que disputaria o cargo de senador.

A tarde, em seu programa na TV Band, Datena agradeceu a Bolsonaro por tê-lo escolhido para a vaga, mas afirmou que preferia continuar defendendo a população da “tribuna que ocupa há tantos anos”.

“Eu pensei bem e resolvi seguir o meu caminho, mas obrigado a ele por ter confirmado o acordo que aconteceu, não foi por parte dele que não deu certo”, disse.

O apresentador foi alvo de vaias e xingamentos ao longo da pré-campanha. Seu nome não fora aceito pelos bolsonaristas “raiz”, que defendem a candidatura do ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, como homem de Bolsonaro na disputa. Salles, por sua vez, é investigado

ARMAS

O número de pessoas com licenças para armas de fogo disparou no governo Bolsonaro e registrou aumento de 473% em quatro anos. Em 2018, antes de Bolsonaro (PL) assumir, havia 117,4 mil registros ativos para caçadores, atiradores e colecionadores, os chamados CACs.

No ano seguinte, esse número saltou para 197,3 mil registros, uma alta de 68%, e seguiu em curva ascendente até chegar em 673,8 mil em junho deste ano, o maior valor da série histórica, que começou em 2005.

Os números do anuário foram organizados com base nos dados das informações contidas no Sistema Nacional de Armas (Sinarm), vinculado à Polícia Federal, e do Sistema de Gerenciamento Militar de Armas (Sigma), do Exército.

Segundo o estudo, entre 2019 e junho de 2022, houve um aumento de 591 mil registros de armas de fogo no Sigma para a categoria que engloba caçadores, atiradores e colecionadores, o que representa 42% do total de armas registradas no sistema entre 2003 e junho de 2022 (1.4 milhão).

A região do país que mais registrou licença para armamento foi São Paulo, com 175 mil registros, seguido pelo Paraná e Santa Catarina (109,9 mil). O Exército não disponibiliza informações por unidade da Federação, apenas por regiões militares.

Além disso, o anuário mostra que o Brasil tem 2,8 milhões de armas de fogo particulares, um aumento de 39% em relação a 2020, quando o país registrava pouco mais de 2 milhões de armamentos particulares.

Por outro lado, em órgãos públicos, como nas polícias civis e militares, há 384 mil armas, ou seja, existem mais armas nas casas das pessoas do que em instituições do Estado. Segundo o Sinarm, o número de armas registradas no Brasil disparou de 637 mil em 2017, início da série histórica no anuário, para quase 1,5 milhão em 2021. É um aumento de 133% em quatro anos.

Para especialistas, esses números são reflexos do discurso armamentista adotado por Jair Bolsonaro. No ano passado, o mandatário editou quatro decretos que facilitaram o acesso a armas no Brasil sob o argumento de que as medidas visavam proteger o cidadão.

No entanto, Isabel Figueiredo, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, diz que estudos científicos já mostram que a flexibilização do acesso às armas tem efeito contrário, isto é, tende a aumentar a violência e a insegurança.

Isso porque as armas acabam agravando conflitos cotidianos. Uma briga que ficaria em um bate-boca, por exemplo, pode escalar para um homicídio se uma das partes estiver armada.

O segundo ponto, diz ela, é que a presença de armas de fogo em casa aumenta as chances de acidentes, suicídios e violência doméstica.

“O terceiro fator é que a arma de fogo legal migra para a ilegalidade muito rapidamente. Cerca de 40% das armas que as polícias apreendem são armas que tinham origem legal”, diz a especialista. “É a arma do tal cidadão de bem que vai parar no crime, porque ele perde ou porque é vítima de roubo”, continuou.

por atuar na liberação de madeira ilegal da Amazônia.

“De novo, eu confirmei que não tenho dúvida mesmo que posso e devo continuar a defender a população da tribuna que eu ocupo há tantos anos, sempre em nome dela e sempre vivi por ela, vivo por ela, e assim decido continuar vivendo. Aqueles que me convidaram e chegaram a me entusiasmar me entenderão. A política não é meu espaço natural, é possível eu lutar pelo bem comum em muitas arenas que existem aí, estarei sempre com meu público”, completou na data limite da legislação eleitoral para que apresentadores se afastem de seus programas para poderem disputar a eleição.

Nesta quinta, no Palácio da Alvorada, em Brasília, Bolsonaro afirmou que apoiava Datena para o Senado em São Paulo. “Eu estou com o Datena lá. Fechei com o Datena. Tá no outro partido. E tem críticas, como tem gente que critica o Tarcísio”, disse.



Reprodução

Taxa nacional é de 22,3 mortes violentas intencionais por 100 mil habitantes

Redução do ICMS é “irresponsável e politiqueira”, afirma Alexandre Kalil

O pré-candidato ao governo de Minas Gerais, Alexandre Kalil (PSD), comparou a redução do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) em itens como combustíveis, energia elétrica, comunicações e transporte coletivo à famigerada Lei Kandir da década de 90, que desonerou as exportações de minérios e produtos agrícolas e causou um rombo nos Estados produtores.

A redução do ICMS, sancionada por Bolsonaro no último dia 23, foi amplamente criticada pelos governadores pelo prejuízo bilionário na arrecadação dos Estados. De acordo com o governador de Pernambuco, Paulo Câmara (PSB), a medida causará uma perda imediata de R\$ 17,2 bilhões na arrecadação do Nordeste.

Durante participação no 32º Congresso Mineiro de Ortopedia e Traumatologia, na última quinta-feira (29), Kalil chamou a limitação de uma possível “Lei Kandir 2”. “O que podemos esperar para saúde de Minas Gerais é cumprir um orçamento; existe um orçamento. Estou



Ex-prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil

muito assustado, porque estamos caminhando para a Lei Kandir 2”, iniciou.

“O corte de arrecadação que está vindo para Minas Gerais é imenso, irresponsável e politiqueiro. E vai custar, justamente, aqui na saúde. Está vindo um corte assustador, e não esperem a recomposição desse dinheiro, porque isso foi prometido também na Lei Kandir”, completou.

LEI KANDIR

A original Lei Kandir, de 1996, isentou a cobrança do ICMS nas exportações de produtos primários e semielaborados – muito

relacionados à mineração. Um acordo de 2020 estima que Minas tenha a receber R\$ 8,7 bilhões, que não foram ressarcidos desde então.

“Vamos tirar o ICMS agora do combustível. É uma medida politicamente muito bonita, muito agradável. Custa pouco, mas acho que mais importante do que fazer, porque disse na pergunta anterior e quero repetir, é que saúde é investimento. O Governo de Minas teve ano que não conseguiu os 12% que tem que cumprir”, completou.

Ministro Barroso concede liminar e prorroga a suspensão dos despejos até 31 de outubro

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Roberto Barroso, prorrogou até 31 de outubro deste ano a suspensão de despejos e desocupações coletivas, para áreas urbanas e rurais, em razão da pandemia de Covid-19, de acordo com os critérios previstos na Lei 14.216/2021.

A liminar foi concedida desta quinta-feira (30/6), data anteriormente prevista para o fim da proibição aos despejos. Na decisão, Barroso, que é o relator da ADPF 828, solicita à presidência do STF que seja convocada uma sessão plenária virtual nos dias 4 e 5 de agosto para análise do tema pelo colegiado.

Para o ministro, embora esteja prorrogando a impossibilidade de despejo por mais quatro meses, ele entende que a situação “não deve se estender de maneira indefinida” e pondera que com a nova data “evita-se qualquer superposição com o período eleitoral”.

“Na última decisão de prorrogação da medida cautelar, registrei que os limites da jurisdição deste relator em breve se esgotarão. Embora possa caber ao Tribunal a proteção da vida e da saúde durante a pandemia, não cabe a ele traçar a política fundiária e habitacional do país”, acrescenta.

Para justificar a prorrogação, Barroso se mostra sensível aos aumentos dos casos de Covid-19 no Brasil e a intensificação da vulnerabilidade social do Brasil, com o aumento do número de



Ao menos 142.385 famílias estão sob risco das desocupações

pessoas em situação de rua e passando fome.

“As 142.385 famílias que estão na iminência das desocupações se encontram justamente na parcela mais pobre da população. Além disso, também é preciso levar em consideração que o perfil das ocupações mudou durante a pandemia. Com a perda da capacidade de custear moradia, tem-se notícia de famílias inteiras nessa situação, com mulheres, crianças e idosos”, escreveu o ministro.

Um dos autores da legislação que proibiu os despejos durante a pandemia, o deputado Orlando Silva (PCdoB-SP) celebrou a decisão. “Vitória da luta humanitária! Todas as famílias têm direito a um lar”, destacou o vice-líder do PCdoB na Câmara.

Na liminar, Barroso argumenta que cabe ao Poder Legislativo formular políticas públicas juntamente com o Executivo sobre os despejos e desocupações coletivos e que, caso não haja consenso sobre a matéria, o STF terá que orientar os órgãos do Poder Judiciário. Ele registrou ainda que está em trâmite na Câmara dos Deputados o projeto de Lei 1.501/2022, com o objetivo de disciplinar medidas sobre desocupação e remoção coletiva forçada.

“A execução simultânea de milhares de ordens de despejo, que envolvem centenas de milhares de famílias vulneráveis, geraria o risco de convulsão social. Por isso, será necessário retornar à normalidade de forma gradual e escalonada”, pontuou.



Falece o arcebispo emérito de São Paulo, Dom Cláudio Hummes

O cardeal Dom Cláudio Hummes, arcebispo emérito de São Paulo, morreu nesta segunda-feira (4) aos 87 anos em São Paulo. A informação foi confirmada em nota pela Arquidiocese de São Paulo. De acordo com a entidade, o religioso morreu após “prolongada enfermidade, que suportou com paciência e fé em Deus”.

Em março deste ano, ele renunciou à presidência da Conferência Eclesial da Amazônia (Ceama) diante do agravamento de um câncer no pulmão. O corpo do arcebispo será velado na Catedral Metropolitana de São Paulo, onde serão celebradas Santas Missas.

Franciscano, “Dom Cláudio”, como era conhecido, era um dos arcebispos mais influentes na Santa Sé. Em 2013, no Conclave que escolheu o Papa Francisco, Cláudio estava sentado ao seu lado. Em entrevista para a imprensa, Jorge Bergoglio revelou que a escolha do nome Francisco foi inspirada por Cláudio.

“Ao meu lado, nas eleições, estava o arcebispo emérito de São Paulo e prefeito emérito da Congregação para o Clero, cardeal Cláudio Hummes, um grande amigo. Quando a situação ficava um pouco perigosa, ele me consolava. Quando os votos chegaram aos dois terços, começaram a aplaudir, porque o papa tinha sido eleito. E ele me abraçou, me beijou e disse: ‘Não se esqueça dos pobres’. E aquela palavra entrou na minha cabeça: os pobres. Pensei em Francisco de Assis”, explicou o Papa na época.

Nascido em 8 de agosto de 1934, em Montenegro (RS), Cláudio Hummes dedicou-se à vida da Igreja desde os 17 anos de idade, quando ingressou na Ordem dos Frades Menores – franciscanos – em 1º de fevereiro de 1952, e manteve-se na ativa até março de 2022, quando já com a saúde debilitada, em decorrência do câncer, renunciou ao cargo de Presidente da Ceama.

Hummes também ocupou a função de Presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia, da CNBB, e da recém-criada Ceama.

Em 2019, no Sínodo da Amazônia, em Roma, Dom Cláudio defendeu a demarcação de terras indígenas. “Nós sabemos que, para os indígenas, isso é fundamental. Também as reservas geograficamente delimitadas são importantíssimas para a preservação da Amazônia”, declarou em coletiva de imprensa no Vaticano no Sínodo.

HISTÓRIA

Aos 17 anos de idade, Cláudio ingressou, em 1952, na Ordem dos Frades Menores – franciscanos. Ordenado sacerdote em 1958, foi enviado a Roma, onde obteve o doutorado em Filosofia na Pontifícia Universidade Antonianum, em 1963.

Nomeado Bispo por Paulo VI, em março de 1975, Dom Cláudio Hummes assumiu a Diocese de Santo André (SP), em dezembro do mesmo ano, e ali permaneceu por 21 anos, até 1996, quando foi nomeado para a Arquidiocese de Fortaleza (CE).

No ABC, Dom Cláudio Hummes acompanhou de perto o movimento operário no Brasil, incluindo a histórica greve geral dos metalúrgicos do ABC no fim da década de 1970. Muitas vezes, ele abriu as portas da Catedral de Santo André para assembleias, presidiu missa com a participação dos grevistas e posicionou-se contra as demissões dos manifestantes.

Em Fortaleza, entre 1996 e 1998, Dom Cláudio coordenou um trabalho com as famílias mais pobres. Em 1998, São João Paulo II o nomeou como Arcebispo de São Paulo, onde permaneceu até 2006, tendo sido feito cardeal pelo Papa em 2001.

Entre 2006 e 2010, nomeado pelo Papa Bento XVI, Dom Cláudio foi o Prefeito da Congregação para o Clero, no Vaticano. A época, o Cardeal Hummes foi responsável por mais de 400 mil sacerdotes espalhados pelos cinco continentes.

Na COP21, em dezembro de 2015, o cardeal manifestou irrestrito apoio ao modo de vida dos indígenas: “é preciso defendê-los, defender seus direitos, dar-lhes de novo a possibilidade de serem os protagonistas de sua história, os sujeitos de sua história. Deles foi tirado tudo: a identidade, a terra, as línguas, sua cultura, sua história, tudo”.

De volta ao Brasil, foi nomeado Presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), cargo que exerceu até 2019.

Em junho de 2021, após Dom Cláudio Hummes ter recebido o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Nacional de Rosario (UNR), da Argentina, o Papa Francisco escreveu-lhe, agradecendo-o pelo “exemplo que me deu durante a sua vida”, e recordando duas frases que ficaram na história, pronunciadas pouco depois de ter sido eleito Papa, quando Dom Cláudio lhe disse: “é assim que o Espírito Santo age”; e “não se esqueça dos pobres”.

Luis Macêdo/Câmara dos Deputados



'Bolsonaro traiu policiais federais e jogou sujo', diz líder sindical

Flávio Werneck, diretor jurídico Federação Nacional dos Policiais Federais (Fenapf), uma das principais lideranças sindicais do funcionalismo público, no momento licenciado em função de sua pré-candidatura a deputado federal, mas que teve um papel destacado nas últimas mobilizações da categoria, declarou ao HP que o policial federal está com o governo “atravessado na garganta”. E afirmou que o sentimento geral da Polícia Federal “é de que o que houve foi uma traição”.

Segundo Werneck, durante meses a fio “discutimos no Congresso a reestruturação da carreira. Formamos um consenso com os parlamentares. Não se tratava de reposição salarial, em que pese o serviço público esteja há pelo menos cinco anos tendo zero de reposição salarial, mas da reestruturação, que há tempos vem sendo postergada”.

Para Werneck, “os progressos em nossa luta estimularam a luta do conjunto do funcionalismo federal a exigir a reposição da inflação”. Flávio afirmou que “o governo jogou sujo: usou da mobilização do conjunto dos servidores para persistir barrigando nossa reivindicação, enquanto aumentou por mais um ano a compressão salarial”.

“Isso, num momento de crescimento vertiginoso da arrecadação de 11%, 200 bilhões de reais, provocado pelo estouro inflacionário criado pelo próprio governo”. Flávio explicitou que esse aumento de arrecadação “é, pelo menos, cinco vezes mais do total reclamado pelo funcionalismo público federal”. “Boa parte desse aumento de arrecadação foi obtida da redução neste ano do salário do servidor”, ressalta Werneck.

“Nada a comemorar: Bolsonaro mentiu para os PRFs”, criticam policiais rodoviários federais

Policiais rodoviários federais protestaram contra a desvalorização da categoria promovida pelo governo Bolsonaro, em evento comemorativo dos 94 anos da Polícia Rodoviária Federal (PRF), na Universidade Corporativa, nesta quinta-feira (30), em Florianópolis (SC). Um avião carregando uma faixa com a mensagem “Nada a comemorar: Bolsonaro mentiu para os PRFs”, sobrevoou o local durante as atividades comemorativas.

“A falta de palavra do Governo Bolsonaro para com a categoria PRF torna o momento totalmente inconveniente para a realização de homenagens e comemorações”, disse a Federação Nacional dos Policiais Rodoviários Federais (Fenaprf) em comunicado.

Os sindicatos, que representam os mais de 17 mil policiais rodoviários federais ativos e aposentados, decidiram não participar do evento “por entender que justamente no período onde deveríamos estar em festa, não temos nada o que comemorar”.

“Policiais rodoviários federais por todo o Brasil estão adoecendo, muitos outros estão perdendo a motivação de seguir na carreira por conta da real desvalorização promovida pelo governo Bolsonaro, que vai se transformando no pior governo para as forças policiais da União das últimas décadas”, afirma a Fenaprf.

A Federação afirmou ainda, que pretende se reunir com todos os candidatos à presidência da República para entregar uma carta apresentando as principais necessidades da categoria. “Nos pautamos sempre pela neutralidade e pelo diálogo aberto com qualquer candidato e entidade política, independente de sua corrente ou vertente ideológica”, diz a nota.

‘Servidores não terão reajuste no salário e nem no vale-alimentação’

O secretário do Tesouro Nacional, Paulo Valle, afirmou na última quarta-feira (29) que os servidores não terão qualquer aumento no vale-alimentação. A proposta havia sido apresentada pelo governo Bolsonaro na tentativa de diminuir o desgaste após o governo confirmar que os servidores não terão reajuste salarial. No entanto, não passou de mais uma das promessas vazias de Bolsonaro.

“Já foi anunciado que não haverá aumento neste ano e também não haverá aumento do vale-alimentação. Já foi decidido no âmbito da Junta de Execução Orçamentária”, disse Paulo Valle.

Os servidores estão em campanha desde o final do ano passado em defesa da recomposição das perdas inflacionárias que já corroem quase 30% do salário, desde o início do governo, em 2019.

Bolsonaro havia prometido o reajuste apenas para as forças policiais e, com a pressão do conjunto do funcionalismo, chegou a propor um reajuste linear de 5% para todos os servidores. Nenhuma das promessas foram cumpridas e a categoria continua sem conseguir qualquer reajuste durante a gestão Bolsonaro.

CTB



Adilson, presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil

UFJF



Para Marcus David, presidente da Andifes, “situação é muito dolorosa”

“Cortes no orçamento levaram universidades federais a uma crise severa”, alertam reitores

O presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), Marcus David, alertou para a situação crítica das universidades federais após os cortes do governo, que já chegam a R\$ 621 milhões.

De acordo com David, também reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), as instituições podem entrar em colapso até outubro, sendo obrigadas a suspenderem suas atividades acadêmicas, ainda que prevaleça “a disposição de não fechar nenhuma unidade, de evitar a vitória dos que desejam que isso aconteça”.

“A situação das universidades é muito dolorosa. A crise é severa. Quase a totalidade das instituições projetam déficit histórico para este ano”, afirmou David, durante lançamento do painel Atuação das Universidades Públicas e da Ciência na Defesa da Vida Durante a Pandemia da Covid-19, na última terça-feira (29).

Entre as instituições que alertam para a es-

cashez de recursos está a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que, na última semana, sofreu um novo corte de 2,3 milhões feito pelo Ministério da Educação. Com o arrocho, o orçamento anual da instituição chega a R\$ 36 milhões, comprometendo o funcionamento dos 4 campi a partir de outubro.

Conforme a reitora Ana Beatriz de Oliveira, a situação é crítica. “Falta um mês e meio de recurso para que a gente consiga fechar o ano. Nós não queremos falar em fechamento da universidade”.

Em nota, a instituição afirma que “a redução de um orçamento que já era significativamente deficitário causa impactos diretos, invariavelmente, no funcionamento diário da Universidade. Não há mais onde reduzir custo sem comprometer as atividades fim da UFSCar”.

UNIVERSIDADE E CIÊNCIA

O painel foi lançado através de um esforço conjunto da Andifes e do Grupo de Pesquisa Sou Ciência que reúne pesquisadores

da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e outras instituições. De acordo com o presidente da Andifes, as pesquisas realizadas pelo centro de estudos têm sido fundamentais para mostrar à sociedade o trabalho ativo das universidades públicas, mesmo com tantos cortes de verbas nos últimos anos. “Só tenho a agradecer à equipe do centro Sou Ciência por buscar dar visibilidade ao trabalho das nossas universidades que, muitas vezes, só é conhecido internamente”, comentou.

A coordenadora do Sou Ciência, Soraya Smaili, professora da Escola Paulista de Medicina, destacou quer o objetivo dos pesquisadores é demonstrar a importância das universidades para o conjunto da sociedade. “É importante que todos conheçam nossas pesquisas, nosso trabalho, mas a sociedade também precisa saber como utilizamos os recursos destinados às universidades e a importância do que estamos fazendo para o presente e o futuro deste país”, disse.

HP



CHARGE DO ÉTON

Para Adilson Araújo, presidente da CTB, “é hora do movimento sindical se levantar”

Em entrevista ao HP, Adilson Araújo, presidente da CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil), nos falou a respeito do que pensa e o que sente sobre o momento que vive o país. Expôs ideias como: “A próxima eleição é a batalha de nossas vidas”. “A carestia é a questão que mais suplicia o povo brasileiro”. “É necessário que o novo governo revogue a EC 95, bem como faça mudanças profundas na política trabalhista”. “O tripé macroeconômico foi nefasto para o país”. “É singular que o movimento sindical se levante”. “A radicalidade de consequente simboliza esse novo tempo”. Vamos ao colóquio.

Adilson abriu nossa conversa com um pressuposto: “Enquanto o povo pena, uma quadrilha tomou de assalto o Palácio do Planalto para se locupletar e realizar seus desejos ou suas taras pessoais. Está claro que em 2022 acontecerão as eleições das nossas vidas. Nós precisamos ganhar as eleições para dar passos na reconstrução do nosso país”.

TRIPÉ MACROECONÔMICO É NEFASTO

Para Adilson, “a carestia castiga ainda mais a nossa gente”. Considera ser “consequência dessa política nefasta, baseada no tripé macroeconômico de juros escorchantes, 13,25% em junho, câmbio ao sabor do capital externo e arrocho fiscal, ancorada no muro do limite do teto de gastos”. Acusou o governo de submissão compulsiva aos bancos: “Para Bolsonaro e Guedes, a solução da inflação (ou para qualquer outro problema) é encher mais as burras dos banqueiros”.

Adilson deu os números do assalto: “Em 2021, os cinco maiores bancos lucraram 82 bilhões de reais. A cada ponto percentual de juros a mais promovido pelo Banco Central, crescem os gastos do país com os rentistas. O custo da dívida pública em 2022, avaliam os bancos, deverá ser de 580 bilhões de reais”. E as consequências: “No outro lado, estão 27 milhões de desempregados e desalentados, 40 milhões de trabalhadores sem direito algum, na informalidade. A carestia aprofunda a miséria, a fome, o arrocho e alimenta a especulação”.

PANDEMIA: MASSACRE DO POVO E MAIS \$ PARA OS RICOS

Segundo o líder sindical, “o aumento dos juros não tem contribuído em nada no controle da inflação. Ela segue alta e o reabateimento nos preços dos alimentos e dos combustíveis é emblemático”. Adilson falou que “antes da pandemia, já tínhamos o rentismo e o capital externo abocanhando volumes assombrosos de nossas riquezas. A situação piorou por demais. Se, antes, 1% dos mais ricos detinham 28% da riqueza do país, passaram esses dois anos, o 1% possuiu 49,3% de nossa riqueza. A isso se escancara a realidade, em que 33 milhões de brasileiros passam fome e 125 milhões têm insegurança alimentar, ou seja, a comida de amanhã se resolve na batalha de hoje”.

“Voltamos a ter 200 mortos por dia. Chegamos a 671.000 mortos, 10% do total do planeta, por responsabilidade de um governo genocida e corrupto. Vale dizer que esse governo está enlameado até a alma”.

PRIVATIZAÇÃO

“Nosso povo é vítima da desindustrialização”. No diagnóstico do sindicalista, “sobretudo, somos vítimas da compulsão doentia em entregar nossas empresas estratégicas à ganância do rentismo e do capital estrangeiro”.

REFORMA TRABALHISTA É ESCRAVIDÃO

Na avaliação de Adilson, “para os que ainda estão

trabalhando, os patrões querem impor a total precarização do trabalho. Divulgam a ideia que o Brasil demanda o trabalho análogo à escravidão. Querem regredir há três, quatro séculos com essa perversão escravocrata”.

Ressaltou que o salário mínimo, de R\$ 1.212,00, conforme o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), deveria ser R\$ 6.395,00. “A cesta básica em São Paulo chegou a R\$ 804,00. Se nós adicionarmos nessa conta um botijão de gás, que já está em até R\$ 170,00, só aí temos 80% do salário mínimo”.

Citando novamente o Dieese, disse que 92% dos acordos salariais em abril não tiveram aumento real, já somando três anos de perdas, e que a renda média do brasileiro, medido pelo IBGE no último trimestre encerrado em maio, registrou queda de 7,2%.

Para Adilson, “é necessário uma profunda mudança nessa investida que se viu ganhar espaço, a partir do golpe de 2016, de imposição de uma severa agenda de subtração de direitos, do fim da CLT, de um ataque, na forma da lei, ao direito constitucional do trabalho e na imposição de um modo de trabalho análogo à escravidão em pleno século 21”. “É também singular que, nesse novo tempo, o movimento sindical possa se levantar”, considerou.

QUE FAZER

“O principal agora é fortalecer a presença dos trabalhadores, para termos condições de indicarmos os caminhos da reconstrução do país”, avaliou. Ressalta que “o encontro que reuniu os sete partidos que compõem o leque de alianças que apoia a pré-candidatura Lula e Alckmin – a Federação ‘Brasil da Esperança’ – formada pelo PT, PCDoB e PV, assim como PSB, PSOL, Solidariedade e a Rede – dá um grande passo quando apresenta para a sociedade um programa com diretrizes concretas no sentido de um projeto de nacional de desenvolvimento, com centralidade na valorização do trabalho”.

Acredita que “as diretrizes possibilitam unir a nossa gente, garantir a vitória eleitoral e, sobretudo, criar condições de realizar a reconstrução do país”. “Propõe que o ‘ponto de partida seja promover um acordo nacional sobre a necessidade de abrir um novo ciclo no país, com uma política de geração de emprego e renda, a garantia de uma renda básica permanente para o povo que mais necessita, a universalização dos serviços públicos, uma vez que a pandemia decantou uma série de deficiências, a prioridade para criação de um polo industrial da saúde”.

“É singular a necessidade de revogar o diabo da Emenda Constitucional 95, que cria dificuldades e engessa os investimentos públicos, gerando dificuldades para Federação e para estados e municípios”, assegurou.

Adilson ressaltou “a necessidade de unir nossa gente, num esforço pela reindustrialização com a ocupação dos espaços públicos, com investimento público, que permitam a utilização dos avanços tecnológicos e de tudo aquilo que está à disposição, desde a indústria 4.0, a inteligência artificial, a tecnologia 5G”.

Afirmou que “a porta maior é a luta política para que a gente possa eleger um governo do campo democrático popular, que retome o caminho do progresso. Como disse o grande filósofo Antonio Gramsci, ‘o desafio da modernidade é viver sem ilusões, nem tão pouco se tornar desiludido’. Lutar é o caminho. Eu penso que a radicalidade consequente simboliza esse novo tempo para que a gente possa sacudir a poeira e dar a volta por cima”, concluiu.

CARLOS PEREIRA

Equatorianos comemoram as conquistas do levante após assinatura do “Ato pela Paz”

Sob aplausos de uma multidão, o líder do levante equatoriano, Leonidas Iza, retorna a sua região advertindo para a necessidade de se manter a vigilância para garantir o cumprimento dos 10 pontos assinados no “Ato pela Paz”. “Não renunciaremos ao direito à resistência. Caso não cumpram com o acordado, voltaremos e seremos milhões!”, destaca o manifesto indígena.

Após 18 dias de um levante popular que sacudiu o país e quase pôs abaixo o desgoerno de Guillermo Lasso – com o impeachment deixando de ser aprovado por pouquíssimos votos – a capital, Quito, se despediu com festa do presidente da Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador (Conaie), Leônidas Iza, nesta quinta-feira (30), e reforçou o apoio à pauta de reivindicações do movimento.

Comemorando a assinatura do “Ato pela Paz” com uma gigantesca manifestação de solidariedade ao líder nas ruas, milhares de pessoas se aproximaram do carro que conduzia Iza para cumprimentá-lo com orgulho e alegria. Aplausos e saudações vibrantes pela contundência do protesto se somaram às declarações de pessoas de todas as idades de que o acompanharão na luta até a plena execução da pauta, que deverá ser executada no prazo máximo de 90 dias.

“Só a luta nos permitiu conquistar direitos! Temos resultados na agenda nacional de 10 pontos, conseguimos medidas para aliviar a situação econômica, saúde e educação de famílias vulneráveis no campo e na cidade; baixamos decretos para defender vida”, apontou a Confederação de Nacionalidades Indígenas.

Apesar de o governo ter assinado um acordo com a mediação da Conferência Episcopal Equatoriana, com a Conaie, a Confederação Nacional das Organizações Camponesas, Indígenas e Negras (Fenocin) e o Conselho de Povos e Organizações Indígenas Evangélicas do Equador (Feine), as provocações não cessaram.

AMEAÇAS A LEONIDAS IZA

Mesmo depois de ter detido Iza no dia 14 de junho para libertá-lo posteriormente, agora o governo insiste em julgá-lo com base no Código Penal Orgânico Integral (COIP), que pune de um a três anos de prisão a realização de atos de “vandalismo”, atribuídos ao dirigente da Conaie durante os protestos. “Sabemos que eles tomam decisões coletivas, com suas bases, têm que consultar seus diferentes povos e nacionalidades. Mas quero ser categórico, em nenhum momento, nesse registro foi tocado o assunto desses atos de vandalismo, de um possível perdão dessas questões”, declarou o vice-ministro de Governo, Homero Castanier.

Diante da afronta, a defesa de Iza solicitou que Lasso e o ministro do Interior, Patricio Carrillo, comparecessem como testemunhas e esclareçam de uma vez por todas os fatos, já que haviam se comprometido a retomar o processo de diálogo com vistas a encontrar soluções pacíficas para as demandas econômicas e pôr fim aos protestos sociais.

O fato, observou a Aliança de Organizações de Direitos Humanos, que reúne 15 grupos, é que Lasso impôs o “estado de exceção” em seis províncias [Estados], tendo sido registrados seis mortos, 331 feridos e 152 detidos. A Missão Internacional de Solidariedade e Direitos Humanos, que acompanhou a mobilização, denunciou que o governo equatoriano cometeu “crimes contra a humanidade”. Além dos assassinatos, informaram, ocorreram detenções arbitrárias com “tormentos, tratamentos cruéis e degradantes”.

Um documento assinado pelo movimento indígena destaca os avanços obtidos durante os “18 dias de resistência”, colocando em destaque a redução do galão [de 3,78 litros] de diesel de US\$ 1,90 para US\$ 1,75 e de gasolina de US\$ 2,55 para US\$ 2,40, o que significa uma diminuição de US\$ 0,15 o galão, bem como a acachapante derrota do Decreto 95, para que “não se permita a ampliação da fronteira petrolífera, a fim de proteger os territórios e direitos coletivos dos povos indígenas”.

Entre as prioridades dos próximos três meses está a “reforma do Decreto 151, com o qual não haverá mineração em áreas protegidas e em territórios ancestrais, zonas declaradas como intangíveis, zonas arqueológicas, áreas de proteção hídrica e se garantirá a consulta prévia, livre e com a devida informação às comunas, comunidades, povos e nacionalidades indígenas, considerando os padrões ditados pela Comissão Internacional de Direitos Humanos (CIDH) e pela Corte Constitucional equatoriana”.

Agora, assinalam as lideranças, “o processo de negociação estará focado nos setores que necessitam mais subsídio: agricultores, camponeses, transportadores, pescadores e demais”.

CONTRA A ESPECULAÇÃO

Além disso, esclarecem, serão fortalecidas “as operações e mecanismos de controle de preços contra a especulação no mercado dos produtos de primeira necessidade (Decreto 452) e se declara em emergência o sistema de saúde pública para entregar imediatamente medicamentos e insumos aos hospitais e centros de saúde (Decreto 454)”.

“Com o Decreto 456, o Bônus de Desenvolvimento Humano [similar ao Bolsa Família] subirá de US\$ 50 para US\$ 55, beneficiando a um milhão e 400 mil famílias; haverá subsídio de 50% no preço da ureia para pequenos e médios produtores e redução da taxa de juros de 10% para 5% no Banecuator [banco estatal] para créditos de até US\$ 3.000. Serão perdoados os empréstimos de até US\$ 3.000 já vencidos e ainda destinados US\$ 100 milhões a mais para os créditos produtivos, com até US\$ 20.000 para serem pagos em 10 anos a uma taxa de juros anual de 5%”, acrescenta o documento.

O governo se compromete também com a elaboração de “um projeto de lei de reformulação do artigo 66 da Lei Orgânica de Circunscrição Territorial Especial Amazônica” e que nos próximos três meses será instalada “uma mesa técnica de diálogo para dar prosseguimento aos acordos e à resolução dos temas pendentes da agenda nacional de 10 pontos”.

“Pela contundência da paralisação nacional, Guillermo Lasso [que não é chamado de presidente nem uma única vez] apareceu tão somente em cadeias de televisão e nunca se sentou à mesa para dialogar. No entanto, seu governo se viu obrigado a responder ao povo. Não renunciaremos ao direito à resistência. Caso não cumpram com o acordado, voltaremos e seremos milhões!”, concluíram os indígenas.

Testemunha revela na ‘CPI’ que Trump tentou invadir o Capitólio



Trump não se importava com invasores armados, declarou a testemunha

Argentina e Irã oficializam suas solicitações de ingresso no BRICS

Argentina e Irã, que participaram como convidados da recém realizada 14ª Cúpula do BRICS, presidida pela China, oficializaram o pedido de ingresso na organização, que reúne os cinco mais destacados países emergentes, conforme sua sigla, Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Os BRICS representam 30% do PIB global e 40% da população mundial.

A solicitação de ingresso foi saudada na terça-feira (28) pelo ministro das Relações Exteriores russo, Sergei Lavrov, durante visita a Ashgabat, capital do Turcomenistão, para uma cimeira de chanceleres dos países do Mar Cáspio.

“Claro que tanto a Argentina quanto o Irã são candidatos dignos e respeitáveis. O mais importante é que o processo preliminar já começou”, disse Lavrov em entrevista coletiva.

O chefe da diplomacia russa enfatizou que a adesão de um país ao BRICS deve ser consensual e “o principal critério será, antes de tudo, garantir a eficácia futura e o aumento dos resultados práticos desta organização”. Lavrov acrescentou que o presidente russo, Vladimir Putin, considerou a discussão da ampliação “justificada e oportuna”.

O anúncio da solicitação iraniana foi feito na segunda-feira (27) pelo porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Said Chatibisadeh. Ele assinalou que o BRICS tem um “mecanismo muito criativo com aspectos de longo alcance”, acrescentando que Teerã já realizou “uma série de consultas” sobre a proposta.

A Argentina também se candidatou ao grupo BRICS. O presidente Alberto Fernández pediu na sexta-feira (23) a criação de mecanismos de cooperação que possam representar uma alternativa ao que ele vê como “instituições privadas” dirigidas pelo Ocidente e no interesse do Ocidente.

Fernandez disse que o BRICS poderá “implementar uma agenda para o futuro que levará a um tempo melhor e mais justo”.

Em sua participação na cúpula virtual na semana passada, o presidente iraniano Ebrahim Raisi já havia expressado a disposição de Teerã de compartilhar com o grupo as capacidades e o potencial do Irã.

A expansão do BRICS agregará ao grupo mais recursos e capacidades industriais e tecnológicas, resultando em mais oportunidades de cooperação e aumentando de forma significativa as complementaridades econômicas dos países integrantes em áreas como energia e alimentos.

Também contribuirá para que os países emergentes tenham reforçada sua resiliência aos choques econômicos causados pelas sanções unilaterais proclamada por Washington e vassallos.

Durante a sessão de quarta-feira da semana passada do BRICS, o presidente Putin disse que os cinco membros do grupo já estavam trabalhando na criação de uma nova moeda de reserva global “com base em uma cesta de moedas de nossos países”.

Assange apresenta recurso a Tribunal de Londres contra extradição aos EUA

O fundador do WikiLeaks, Julian Assange, apresentou ao Supremo Tribunal de Londres, nesta sexta-feira (1º), recurso para impedir sua extradição para os Estados Unidos, autorizada há duas semanas pelo governo do Reino Unido, informou o Wall Street Journal, citando seu advogado Gareth Peirce.

Os partidários de Assange, incluindo sua esposa Stella, se reuniram do lado de fora do Ministério do Interior para exigir sua libertação. O prazo para recorrer da decisão do tribunal inglês submisso a pressões dos EUA vence no 1º de julho.

O fundador do WikiLeaks está na prisão de segurança máxima de Belmarsh desde abril de 2019, quando os tribunais britânicos assumiram a responsabilidade sobre a possível extradição de Assange para os EUA, decisão que a ministra do Interior, Priti Patel, assinou no dia 17 de junho passado. Lá um tribunal de fãncaria o aguarda para ser julgado por 18 processos movidos pelo governo de Washington sob alegação de uma conspiração para obter e publicar centenas de milhares de documentos relacionados às guerras do Afeganistão e do Iraque no site. Assange pode pegar 175 anos de cadeia.

O WikiLeaks chamou a ordem de Patel de “dia sombrio para a liberdade de imprensa” e para a democracia e disse que a ministra do Interior será lembrada para sempre como “cúmplice dos EUA” em sua agenda para tornar crime o jornalismo investigativo e na extradição de Assange “para o país que tramou assassiná-lo”.

O irmão do jornalista, Gabriel Shipton, confirmou à agência Reuters que o recurso de apelação foi apresentado pela equipe jurídica do jornalista, sem detalhar, porém, o fundamento do pedido.

“Também pedimos ao governo australiano que interceda imediatamente no caso para acabar com esse pesadelo”, disse Shipton.

O irmão e o pai de Assange se juntaram a manifestantes em um ônibus que andou pelas ruas do centro de Londres, alertando sobre as ameaças que sofre o jornalista.

Aumentando a pressão sobre os governos britânico e norte-americano, entidades defensoras da liberdade de imprensa, incluindo a Federação Internacional de Jornalistas (FIJ) e a PEN America, publicaram nas redes sociais um pedido de libertação de Assange.

A FIJ lançou a campanha



Faixa em ônibus pede liberdade para Assange

#FreeAssangeNOW exigindo que EUA retire todas as acusações contra ele. “Punir Assange por expor crimes de guerra é ameaça para todos os jornalistas ao redor do mundo”, afirmou.

Daniel Ellsberg, que divulgou os documentos do caso conhecido como Pentagon Papers, na década de 1970, em declaração compartilhada por um perfil do Twitter que apoia Assange, disse que a extradição do fundador do WikiLeaks significa que “nenhum jornalista no mundo está a salvo da prisão perpétua nos Estados Unidos.”

Julian Assange completa 51 anos no próximo domingo, dia 3 de julho, dia em que mais de 30 manifestações de apoio ao jornalista estão previstas para acontecer em diferentes cidades: Paris (França), Londres (Reino Unido), Sydney (Austrália), Toronto (Canadá), Berlim (Alemanha), Auckland (Nova Zelândia) e Milão (Itália) são algumas que farão ações no dia.

Em seu depoimento na Câmara dos EUA, a testemunha Cassidy Hutchinson relatou esforços de Trump para se unir aos milicianos na invasão do Capitólio

Quando à marcha de milicianos ao Congresso dos EUA, Trump disse – segundo o depoimento – “não se importar que tenham armas, eles não estão aqui para me machucar”.

Em audiência pública do comitê da Câmara dos EUA de investigação do ‘6 de janeiro’, a testemunha-bomba Cassidy Hutchinson, ex-assessora principal do chefe de gabinete de Trump, Mark Meadows, relatou os esforços do então presidente para ir em pessoa ao assalto ao Capitólio – que ele agulara – e como ele estava ciente de que as milícias que convocara para a ‘marcha’ carregavam armas, entre outros detalhes tenebrosos de até onde Trump chegou na tentativa de virar a mesa e impedir a proclamação do resultado das urnas.

Uma das revelações de maior impacto foi a descrição da cena em que, após ter dado a ordem da marcha ao Capitólio, Trump entrou na limusine presidencial, querendo seguir com seus minions e, diante da recusa dos agentes do serviço secreto, decididos a levá-lo de volta à Casa Branca, chegou a se agarrar ao volante, gritou que “eu sou a p* do presidente, me levem até o Capitólio agora”, e furioso até pegou um deles pelo pescoço.

Antes, durante o comício, Trump interviu para que o serviço secreto pusesse de lado os detectores de metal, por saber que na multidão de supremacistas e negacionistas havia muita gente armada, que ficavam ao largo para não terem as armas apreendidas. “Deixe meu povo entrar”, disse Trump naquele dia. “Eles podem marchar para o Capitólio daqui”.

Hutchinson testemunhou que Trump disse: “Eu não me importo que eles tenham armas. Eles não estão aqui para me machucar. Leve os malditos mags [magnetômetros] embora”.

A audiência com Hutchinson foi realizada em condições extraordinárias, tendo sido anunciada de surpresa na segunda-feira depois da ‘CPI’ declarar que só haveria outra audiência em meados de julho. O assunto foi mantido em segredo, assim como a identidade da testemunha, e o comitê tomou precauções extremas, segundo a mídia norte-americana. Seu depoimento a portas fechadas havia durado 20 horas.

Trump asseverou em um post em sua plataforma de mídia social Truth Social que “mal” conhece Hutchinson, a quem chamou de “totalmente falsa” e “vazadora”.

Na audiência ao vivo, Hutchinson forneceu mais indícios de que os planos para um ataque ao Capitólio estavam em andamento bem antes do

6 de janeiro. Ela relatou que depois de uma reunião na Casa Branca com Meadows em 2 de janeiro, o advogado de Trump, Rudy Giuliani, lhe perguntou se estava animada com o que estava programado para 6 de janeiro. “Nós vamos ao Capitólio. O presidente vai estar lá. Ele vai parecer poderoso”, disse-lhe Giuliani.

Sobre a invasão do Capitólio, a ex-assessora disse que ouviu Meadows dizer em relação aos gritos de “enforcem Mike Pence” e ao laço de força montado do lado de fora do Capitólio: “Ele [Trump] acha que Mike merece. Ele não acha que eles estão fazendo nada de errado”.

Questionado pela vice-presidente da ‘CPI’, Liz Cheney, se Meadows alguma vez indicou que estava interessado em receber um perdão relacionado a 6 de janeiro, Hutchinson respondeu que “buscou esse perdão, sim senhora”.

Antes ela já testemunhara que também o advogado de Trump, Rudy Giuliani, pediu perdão. Depoimentos anteriores já identificaram seis deputados que buscaram indultos preventivos de Trump, os republicanos Andy Biggs, Mo Brooks, Matt Gaetz, Louie Gohmert, Marjorie Taylor Greene e Scott Perry.

“TENTATIVA DE GOLPE”

O depoimento causou uma enorme repercussão. O presidente do Public Citizen, Robert Weissman, tuitou que “esta foi uma tentativa clássica de golpe”. “Trump queria liderar uma multidão armada e raivosa para o Capitólio”, escreveu Weissman. “Pior do que sabíamos.”

Ainda segundo Public Citizen, “o testemunho de Hutchinson elimina qualquer noção de negação plausível em torno de 6 de janeiro”.

“Justamente quando pensamos que os relatos das ações do ex-presidente e de seu círculo íntimo não podem piorar, aprendemos que de fato podem”, afirmou a presidente da Common Cause, Karen Hobert Flynn, que lembrou que Trump incitou a multidão fortemente armada a marchar sobre o Capitólio e a “lutar como o inferno”.

“O testemunho arrepiante de Hutchinson não deixa dúvidas: o presidente Trump liderou uma conspiração criminosa para derrubar a eleição de 2020”, disse Sean Eldridge, fundador e presidente da Stand Up America em comunicado, em que pediu que Trump e seus facilitadores sejam responsabilizados criminalmente.

O testemunho – concluiu – “deixa claro o quão chocantemente chegamos perto de perder nossa democracia e como fomos traídos por aqueles que juraram defender nossa Constituição. Ninguém está acima da lei”.

EUA: Polícia persegue e mata cidadão negro com 60 tiros, após uma infração de trânsito

O motorista negro Jayland Walker, morador da cidade norte-americana de Akron, Ohio, foi assassinado a tiros por policiais em uma perseguição por cometer uma infração de trânsito, informou o advogado da família da vítima, citado pelo The New York Times.

O advogado Bobby DiCello viu as imagens do vídeo da câmera corporal de um policial que mostra agentes da cidade disparando mais de 90 tiros nas costas de Jayland, de 25 anos, quando ele estava saindo de seu carro e fugindo a pé de um estacionamento, na segunda-feira (27), e denunciou que mais de 60 das balas o atingiram.

“Em meus 22 anos de trabalho em julgamentos, tanto como ex-promotor do condado de Cuyahoga quanto como advogado de direitos civis em muitos casos graves de uso letal da força, nunca na minha vida vi algo assim. É muito, muito perturbador”, disse DiCello ao Jornal Akron Beacon.

“Parece quase uma prática de tiro ao alvo, uma execução”, reforçou Stacey Jenkins, pastor da igreja da comunidade, de acordo com o jornal mencionado.

Na tentativa de justificar o crime, as autoridades disseram que Walker disparou uma arma enquanto dirigia, mas sem mostrar nenhuma evidência nem especificar como souberam disso. Cobrados pela comunidade, a Unidade de Crimes Graves do Departamento de Polícia de Akron e o Departamento de Investigação Criminal de Ohio iniciaram uma investigação.

Na tarde de sábado (2), uma multidão de manifestantes com cartazes e megafones se reuniu do lado de fora do tribunal da cidade depois das 15h. Alguns gritavam: “Sem justiça, sem paz, processe a polícia”. Os manifestantes estão se reunindo durante quatro dias consecutivos nesta semana, exigindo a responsabilização da polícia.

O prefeito da cidade, Dan Horrigan, anunciou o cancelamento das comemorações previstas do dia da independência dos EUA. “Acredito firmemente que este não é o momento para uma comemoração organizada pela cidade”, disse Horrigan, que descreveu os fatos como “um dia sombrio”.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

Hong Kong, 25 anos depois

ELIAS JABBOUR*

Hong Kong voltou à China em 1997 após cerca de 150 anos de domínio colonial

No dia 1º de julho comemora-se o retorno de Hong Kong à China e a constituição da Região Administrativa Especial de Hong Kong. Trata-se de uma forma diferenciada de tratar a região dadas as especificidades da Declaração Conjunta Sino-Britânica assinada em 1984, tendo em vista o retorno da ilha de Hong-Kong, da península de Kowloon e dos Novos Territórios em 1997. Em certa medida tratou-se de mais uma página do final do que é reconhecido como o século das humilhações, justamente iniciada com a Primeira Guerra do Opio (1840-1842) que começou o processo de decadência da China Imperial sob o violento processo de divisão do território chinês por diferentes potências imperialistas. A fundação da República Popular da China em 1949 colocou um fim a esta condição semicolonial e semifeudal do país.

Bom lembrar que a Inglaterra (juntamente com os Estados Unidos), atualmente empenhada na defesa dos valores da “democracia” e dos “direitos humanos”, declarou guerra à China em nome da liberdade do comércio internacional de drogas. Trata-se de uma mancha, não somente na história da Inglaterra, mas uma marca vergonhosa na história da chamada ‘civilização ocidental.

Hong Kong estava sob o domínio colonial do Império Britânico após a Primeira Guerra do Opio (1840-1842). Originalmente confinada à Ilha de Hong Kong, as fronteiras da região foram estendidas em etapas para a Península de Kowloon em 1860 e, em seguida, para os Novos Territórios, em 1898. Foi ocupada pelo Império do Japão durante a Guerra do Pacífico, após a qual o controle britânico foi retomado. O processo de desenvolvimento capitalista de Hong Kong ocorreu de forma acelerada após a Segunda Guerra Mundial, neste sentido e tendo em vista a necessidade de criação de condições para sustentar a reunificação do país, o ex-líder chinês Deng Xiaoping desenvolveu o conceito de “um país, dois sistemas” com o objetivo de solucionar as questões de Hong Kong, Macau e Taiwan.

O conceito apresentado em 1982 durante o primeiro encontro entre Deng Xiaoping e a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, prevê a manutenção do status do sistema capitalista durante 50 anos na região, enquanto a parte continental continuaria sob instituições de tipo socialista. Uma fórmula genial que retirou da Inglaterra todos os argumentos levantados à época por Thatcher sobre os riscos à estabilidade da região tendo em vista uma possível volta à China. Inflexível, Deng Xiaoping deixou claro à primeira-ministra que a questão da soberania chinesa sobre Hong Kong seria inegociável e que as duas partes teriam dois anos para apresentarem uma solução.

Conforme previsto, Hong Kong voltou à China em 1997 após cerca de 150 anos de domínio colonial. Dado importante é que nessa região nunca houve democracia, nem tampouco liberdade de escolha de seus representantes por parte do povo. A história é implacável com a hipocrisia ocidental! Desde então, em uma crescente relação com a Zona Econômica Especial de Shenzhen, Hong Kong tem sido uma praça financeira altamente desenvolvida e fundamental para o próprio progresso geral da China.

A integração econômica de Hong Kong ao espaço econômico nacional chinês é plena, demandando o surgimento de formas superiores de integração tendo em vista o grande desenvolvimento alcançado pela província de Guangdong. A presente época histórica coloca o desafio de integração de Hong Kong e Macau às cadeias produtivas de altíssima tecnologia localizadas na citada província. Isso significa que o futuro de Hong Kong não está em falsas promessas ocidentais e, sim, na elevação de patamar de integração econômica ao desenvolvimento nacional.

Todos sabem o que se tornou Hong Kong nos últimos anos. Um local privilegiado de ação direta estrangeira com vistas à desestabilização da República Popular da China como um todo. Repetese em Hong Kong as mesmas práticas de guerra híbrida aplicadas pelas potências ocidentais em países como a Ucrânia, Brasil, Turquia e Rússia com vistas à destruir o moral da sociedade, iludir a juventude com falsas promessas e desestabilizar seus adversários. Também não é novidade que Hong Kong se transformou em um local privilegiado para ações programadas do imperialismo estadunidense e seus aliados em nome da “democracia” e dos “direitos humanos”. Se esquecem que, enquanto esse “império de mentiras” patrocina as forças anti-China de Hong Kong, em seu próprio território mais de um milhão de pessoas já foram mortas por Covid-19.

Os 25 anos de retorno de Hong Kong ao berço pátrio chinês devem ser comemorados, mas também deve ser um momento de amplas discussões não somente sobre o futuro da região em um posterior arranjo territorial e econômico chinês. A China e o socialismo estão sob amplo ataque e tentativas de subversão patrocinadas por potências estrangeiras. Hong Kong é parte deste processo de desestabilização. Nunca foi tão necessário o exercício da vigilância.

**Elias Jabbour, professor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCE-UERJ). Artigo produzido em colaboração com a Rádio Internacional da China.*

Otan é ‘desafio sistêmico’ à paz e estabilidade globais, alerta China



Otan bombardeia Belgrado em 1999, então capital da Iugoslávia (Arquivo)

México constrói a 7ª refinaria da Pemex em busca da autossuficiência

Com investimentos de US\$ 12 bilhões (cerca de R\$ 64 bilhões), “se preparando para ser autossuficientes e direcionar os combustíveis produzidos ao mercado interno”, o presidente do México, Andrés Manuel López Obrador, inaugurou na última sexta-feira (1) a maior refinaria de petróleo do país: a de Olmeca-Dos Bocas, no estado de Tabasco.

De acordo com Obrador, o empreendimento da Petróleos Mexicanos (Pemex), “o primeiro a ser construído em solo pátrio desde 1979”, busca reduzir a dependência energética, alcançar a autossuficiência nacional na produção de gasolina e diesel, e “oferecer melhores preços desses combustíveis aos consumidores”.

Apesar de reservas de petróleo substanciais, explicou, o país importa cerca de 70% da gasolina que consome. Daí a importância de o governo estar modernizando as seis refinarias e construir uma nova para reduzir o custo do combustível. Embora tenha sido projetada como a sétima refinaria da estatal, será a oitava, já que no ano passado o governo mexicano adquiriu a de Deer Park da Shell, localizada no Texas, nos Estados Unidos.

“O teste teve início aqui em Olmeca-Dos Bocas para que o complexo possa operar a toda

capacidade”, comemorou o presidente durante transmissão ao vivo, explicando que a planta industrial estará funcionando plenamente até o próximo ano.

O petróleo extraído pela Pemex, passará a ser refinado para obtenção de gasolina, diesel, querosene de aviação, entre outros produtos considerados “refinados de maior valor agregado”. A projeção é que até 2026 serão processados diariamente 340.000 barris de petróleo bruto tipo Maya, dos quais 170.000 serão gasolina e 125 mil barris diários de diesel, além de propileno e gás liquefeito de petróleo (GLP).

O Ministério de Energia explicou que a obra está localizada em 566 hectares de um estuário do porto de Dos Bocas, na cidade de Olmeca, pois é lá que chegam os oleodutos da costa de Tabasco e da Sonda de Campeche, de onde são extraídos 80% dos hidrocarbonetos do México. Dali subirá por mar até os portos de Tuxpan, Veracruz, Pajaritos e Progreso, além de se conectar à Rede Nacional de Políodos para distribuir no entroncamento com Minatitlán, através

de 35 quilômetros de dutos.

Para dar a dimensão da obra, o governo informou terem sido utilizados mais de um milhão e 745 mil metros cúbicos de concreto, o equivalente ao necessário para a construção de 41 estádios monumentais como o Azteca. Além disso, foram utilizadas 162 mil toneladas de aço estrutural, volume de material com o qual poderiam ser construídas 16 torres Eiffel. Até maio, a construção desta refinaria da Pemex gerou 32.000 empregos diretos e mais de 200.000 empregos indiretos.

A Refinaria Olmeca-Dos Bocas terá mais de 90.000 equipamentos. As instalações são compostas por 17 plantas de processamento, uma área de armazenamento onde estão localizados 92 tanques, dos quais 58 são para gasolina e diesel.

Especialista do setor de energia, Ramsés Pech, avaliou que o México alcançará a autossuficiência energética se a Pemex produzir 2,5 milhões de barris de petróleo bruto por dia e enviar 1,6 milhão de barris às refinarias, que devem operar pelo menos 84%, além de Olmeca e Deer Park enviarem todo o volume de produção.



Caminhoneiros bloqueiam estradas próximas de Paris por melhoria dos salários

Trabalhadores franceses fazem greve contra carestia

Os trabalhadores do setor de transporte da França realizaram, na segunda-feira (27), uma greve contra a carestia e pelo aumento dos salários. O protesto é parte de uma série de manifestações que estão crescendo nos países europeus devido ao aumento no custo de vida exacerbado como consequência das sanções impostas contra a Rússia.

A greve envolveu motoristas de ônibus, ambulâncias e caminhões, que pararam em toda a França para pressionar por negociações em torno de reposição salarial.

Na cidade de Orleans, a cerca de 120 km de Paris, os caminhoneiros bloquearam estradas próximas a um complexo industrial. Em maio, a inflação na França chegou a 5,2%, no acumulado de 12 meses, e é o maior índice desde 1985. As projeções são de que a França acabará o ano com uma inflação de 6,8%. Em toda a zona do Euro, a inflação chegou em média a 8,1% e é a maior já registrada.

O presidente da França, Emmanuel Macron, optou por

submeter a França aos interesses dos Estados Unidos e apoiar as sanções contra a Rússia, mesmo com a forte dependência do gás natural e do petróleo vindos de lá.

Essa política, somada aos ataques a direitos trabalhistas e previdenciários fez com que ele perdesse a maioria absoluta no parlamento. O grupo de esquerda liderado por Jean-Luc Mélenchon, a Nova União Ecológica e Social Popular (NUPES), tornou-se a segunda maior bancada denunciando o arrocho neoliberal.

Com a paralisação, os trabalhadores do transporte da França exigem “um aumento salarial significativo e um 13º para todos”. A categoria aponta que os acordos firmados no começo do ano já não atendem a realidade das famílias francesas.

O secretário-geral da Federação Nacional dos Transportes e Logística da França, Patrice Clos, afirmou que

“se não formos ouvidos, o governo deve saber que vamos levar a cabo ações mais longas a partir de outubro”.

Os sindicalistas reclamam que a categoria foi tratada como essencial durante a pandemia, mas agora é tida como descartável. No setor de logística, “as empresas faturaram 30% a mais durante a Covid e não há nada em termos salariais para os trabalhadores”.

No final de semana, os funcionários da companhia aérea Ryanair fizeram uma greve em todo o continente europeu, também exigindo aumento dos salários e melhores condições de trabalho.

Na próxima-sexta-feira (1), os que trabalham nos principais aeroportos de Paris poderão fazer uma greve. Os sindicatos franceses estão organizando uma greve nacional dos trens para o dia 6 de julho.

Em Paris, funcionários de dois principais aeroportos da cidade sairão na sexta-feira.

Na cúpula de Madri, a aliança bélica a soldo dos EUA oficializou que seu alvo imediato é “a Rússia” e o “desafio estratégico, a China”, num esforço para tentar manter a falida ordem unipolar

Reagindo ao “novo conceito estratégico” aprovado pela Otan na recém encerrada cúpula de Madri, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Zhao Lijian, classificou na quinta-feira (30) a própria aliança bélica a soldo dos EUA de “desafio sistemático à paz e estabilidade globais”.

Na cúpula, a Otan oficializou que a Rússia é ameaça “principal e direta”, enquanto a China é um “desafio estratégico”.

Zhao assinalou que a Otan “tem o sangue da população global em suas mãos” e que embora ela se apresente como “um bloco defensivo”, tem buscado avançar sobre “novas áreas e domínios”.

“Queremos declarar abertamente que a Otan está exagerando e inflando a chamada ameaça chinesa e este é um esforço absolutamente fútil”, observou o porta-voz. Ele pediu ao bloco militar que pare imediatamente com suas críticas infundadas e provocações contra a China e se abstenha da ideologia da Guerra Fria e do jogo de soma zero.

Por sua vez, o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, registrou que a cúpula de Madri provou que a Otan – ou seja, os EUA, essencialmente -, “espera obediência incondicional de todos os Estados à sua vontade”.

A Europa moderna, representada pela UE, ele assinalou, está perdendo “sua independência ou os sinais de independência” que costumava ter, e se submete totalmente às imposições dos EUA. “Inclusive na área das sanções econômicas, rejeitando a importação russa e destruindo cadeias logísticas e financeiras que levaram décadas para serem estabelecidas”.

“Se olharmos para a lista de sanções existente – é uma análise interessante, eu recomendo – se você comparar as sanções impostas à Rússia e à Bielorrússia pelos Estados europeus e as impostas pelos EUA, basicamente os EUA tentam ir com calma e não permanecerem muito ativos nas áreas que prejudicarão seriamente sua economia”, observou o chanceler russo.

“Ainda assim, eles também recebem um efeito negativo de suas ações, mas a Europa sofre muito mais”, sinalizou. Segundo Lavrov, a conclusão óbvia é que Wa-

shington busca “não apenas enfraquecer a Rússia, mas também enfraquecer a UE como concorrente dos EUA”.

Em Madri, a cúpula já começou com uma importante vitória: a “salada russa”, que constava do cardápio, foi renomeada como “tradicional”. Biden, por sua vez, confundiu a Suécia com a Suíça, mas pelo menos não tropeçou na escada, nem cumprimentou o amigo imaginário.

Como já observado, o novo conceito estratégico definiu a Rússia como ameaça “principal e direta” e a China, como “desafio estratégico”.

Em meio aos rumores sobre uma “Otan global” ou uma “Otan asiática” e exortações à “ordem mundial sob regras”, pela primeira vez na vida da aliança – que é do “Atlântico Norte” – esta contou com países do Pacífico, Japão, Coreia do Sul, Austrália e Nova Zelândia como convidados.

Depois de um acerto com o presidente turco Recep Erdogan, foi liberado o caminho para o ingresso na Otan da Finlândia e da Suécia.

Quanto a isso, o presidente Vladimir Putin afirmou que a Rússia, em relação aos dois países, não tem pendências, ao contrário da Ucrânia, mas que se forem utilizados sistemas ofensivos de armas que ameacem a Rússia, irá responder “de forma espelhada”.

No “conceito estratégico” anterior da Otan, a Rússia era formalmente tida como “parceira”, o que não impediu que os EUA anexassem países do leste europeu um após o outro, até chegar às fronteiras com a Rússia, apesar de, no processo de reunificação alemã, a então União Soviética ter recebido garantias de que a aliança ocidental não se expandiria para leste “um centímetro sequer” e há mais de dez anos, na famosa Conferência de Segurança de Munique, o presidente Putin ter advertido que isso era “intolerável”.

O status de “parceria” também não evitou que a CIA organizasse o golpe de Estado, junto com os nazis e oligarcas ladrões, em Kiev, em 2014, nem que o Pentágono treinasse o Batalhão Azov. Aliás, segundo o boquirroto Jens Stoltenberg, relações públicas da Otan, perdão, secretário-geral, esteve armando e treinando as tropas ucranianas desde 2014.

Leia mais no site do HP

Aeroviários de Paris e Madri fazem greve por aumento de salários e melhores condições de trabalho

Quinze voos foram cancelados e 200 foram adiados no aeroporto de Madri em decorrência da greve de tripulantes das companhias Ryanair e na EasyJet e 20% dos voos com origem ou destino no aeroporto Charles de Gaulle, em Paris, onde funcionários fazem uma paralisação de alguns dias, que teve início na quinta (29). Uma greve dos bombeiros de Paris, iniciada no dia 30, também ampliou os efeitos da paralisação dos aeroviários.

A mobilização da Ryanair e da EasyJet, duas companhias aéreas de baixo custo, para exigir melhores salários e condições de trabalho coincidiu com o final do ano letivo na Europa e as férias de verão. Centenas de voos de vários aeroportos europeus foram cancelados ou sofreram atrasos.

Passagens mais caras, atrasos, cancelamentos de voos e longas filas em aeroportos se tornaram rotina na medida em que companhias aéreas não tomaram as medidas necessárias para se adaptar à retomada do setor e convivem com a escassez de funcionários, demitidos no pico da pandemia de Covid-19.

A Ryanair é uma companhia aérea irlandesa com base em Dublin, República da Irlanda. O motivo da repercussão na Europa que provoca a greve de seus funcionários é que atualmente é a maior companhia aérea da

UE no setor low cost (baixo custo). A empresa desenvolve a maioria das suas operações a partir do Reino Unido, da sua principal base, o Aeroporto de Londres Stansted.

Os funcionários da companhia na Espanha – onde a empresa tem cerca de 1.900 funcionários – anunciaram que estarão em greve por 12 dias durante este mês, em dias alternados, para exigir melhores condições de trabalho e aumento de salários.

Os trabalhadores espanhóis da britânica EasyJet, já haviam anunciado que fariam nove dias de greve em fins de semana de julho também por melhoria salarial.

A operadora de aeroportos ADP ofereceu aos funcionários um aumento salarial de 4% se a categoria concordasse em encerrar a greve, mas a oferta foi rejeitada, disse um representante do sindicato à agência Reuters.

“A atividade aeroportuária atingiu 95% de seu nível pré-Covid, com a situação em que agora temos 20.000 funcionários a menos no aeroporto de Roissy, então as condições de trabalho se deterioraram drasticamente”, assinalou Nicolas Pereira, representante da Confederação Geral do Trabalho em Orly.

Por causa dessa política de retomar as atividades sem condições de trabalho dignas, outras companhias aéreas anularam milhares de voos nas últimas semanas.

A Semana de 22, a literatura nacional e a revolução brasileira - parte (3)

Continuação da edição anterior

“A grande tolice do meu amigo Oswald de Andrade é imaginar que descobriu o Brasil”, escreveu Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, em carta de 14 de dezembro de 1925

CARLOS LOPES

Cavalcanti Proença, ao comparar “**Macunaíma**” com “**Retrato do Brasil**”, de Paulo Prado, acaba por mostrar a fraqueza da obra propriamente literária – em prosa – de Mário, anterior a 1930:

“O próprio Mário já acentuara que não concordava com a imoralidade, porém Macunaíma teria de concordar com o brasileiro. Aliás é corrente na literatura dos cronistas esse traço de luxúria nacional e que teve sistematização das mais brilhantes no Retrato do Brasil, de Paulo Prado. São muito comparáveis os dois livros e aquilo que é análise e dissertação no historiador, se transforma em ação no herói da nossa gente” (M. Cavalcanti Proença, **op. cit.**, p. 22).

Ou seja, há um ranço da República Velha (no caso de **Retrato do Brasil** não é apenas um ranço) em ambos os livros, expresso na consideração da luxúria como um traço do brasileiro.

Há nisso um desconhecimento – também no sentido de falta de identificação – grande do Brasil e de sua formação, que o próprio Cavalcanti Proença revela em outro trecho de seu livro, ao falar do “espírito de aventura nacional contrapondo-se ao trabalho”, concepção do país que seria comum a Mário e a ilustres sociólogos brasileiros.

Trata-se de uma questão já resolvida pelos abolicionistas, que enxergaram no trabalho escravo – e no trabalho negro em geral – a base da construção do Brasil como Nação.

Entretanto, Macunaíma é, sobretudo, o índio, muito mais do que o negro. Mas é um índio falsificado, pois é, sobretudo, um “individualista”, “sem preocupações sociais”, que prefere qualquer coisa, menos o trabalho (M. Cavalcanti Proença, **op. cit.**, p. 20).

Há pouco de comum entre essa suposta síntese do brasileiro e o brasileiro real, aquele que sustentava, com seu trabalho, a oligarquia cafeeira.

Mário de Andrade percebe o problema, mas apenas como uma sombra, que não chega a alterar o caráter (ou a falta de caráter) de seu herói. Mas, não por acaso, Proença sintetiza o Mário de “Macunaíma” do seguinte modo:

“No fundo Mário de Andrade era porque-me-ufanista, a seu modo. Um porque-me-ufanismo desiludido” (p. 38).

O ufanismo, como já nos referimos, é, exatamente, o “nacionalismo” falso da República Velha, isto é, do regime da oligarquia cafeeira.

Resta dizer que, a medida que Mário aproximou-se da Revolução de 30 – e a medida que a literatura e a arte pós-1930 tornaram o modernismo de 22 uma manifestação de menor importância na história do país – muitos desses problemas tornaram-se, para ele, conscientes.

Talvez por isso, sua contribuição à crítica musical seja tão mais importante, do ponto de vista da cultura nacional.

Mas ele era um homem bom e honesto.

Em 1942, a conferência que fez no auditório do Itamaraty, para a Casa do Estudante do Brasil, tem quase o mesmo

texto que os artigos publicados, no mesmo ano, em “O Estado de S. Paulo”.

Mas não o final, que é diferente. Aquele da conferência do Itamaraty é uma autocrítica:

“*Se tudo mudávamos em nós, uma coisa nos esqueceremos de mudar: a atitude interessada diante da vida contemporânea. E isso era o principal. Mas aqui meu pensamento se torna tão delicadamente confessional, que terminarei este discurso falando mais diretamente de mim. Que se reconheçam no que eu vou dizer os que puderem. (...) Minhas intenções me enganaram. Vítila do meu individualismo, procuro em vão nas minhas obras, e também nas de muitos companheiros, uma paixão mais temporânea, uma dor mais viril da vida. Não tem. Tem, mas é uma antiquada ausência de realidade em muitos de nós. Estou repisando o que já disse a um moço... E outra coisa senão o respeito que tenho pelo destino dos mais novos, se fazendo, não me levaria a esta confissão bastante cruel, de perceber em quase toda a minha obra a insuficiência do abstencionismo. Francos, dirigidos, muitos de nós demos às nossas obras uma caducidade de combate. Estava certo, em princípio. O engano é que nos pusemos combatendo lençóis superficiais de fantasmas. Deveríamos ter inundado a caducidade utilitária do nosso discurso de maior angústia do tempo, de maior revolta contra a vida como está. Em vez: fomos quebrar vidros de janelas, discutir modas de passeio, ou cutucar os valores eternos, ou saciar nossa curiosidade na cultura. E, se agora percorro a minha obra já numerosa e que representa uma vida trabalhada, não me vejo uma só vez pega a máscara do tempo e esbofeteá-la como ela merece. Quando muito, lhe fiz de longe umas caretas. Mas isto, a mim, não me satisfaz.*”

Na mesma conferência, no Itamaraty, ele considerou: “*Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição. O homem atravessa uma fase integralmente política da humanidade. Nunca jamais ele foi tão ‘momentâneo’ como agora. Os abstencionismos e os valores eternos podem ficar pra depois. E apesar da nossa atualidade, da nossa nacionalidade, da nossa universalidade, uma coisa não ajudamos verdadeiramente, dum coisa não participamos: o amilhoramento político-social do homem*” (Mário de Andrade, **O Movimento Modernista**, ed. Casa do Estudante do Brasil, Rio, 1942, pp. 79-80).

Melhor síntese dos problemas do modernismo de 22, realizada por Mário, não poderia haver.

4

Vejamos, outra vez, o livro de Franklin de Oliveira.

O ensaísta considera Mário de Andrade “o único dos modernistas a deixar uma obra importante como *Música de feitiçaria, Danças dramáticas do Brasil* e o ensaio pioneiro sobre o Aleijadinho, sem falar



no *Macunaíma*” (cf. Franklin de Oliveira, **A Semana de Arte Moderna na Contramão da História e Outros Ensaios**, Topbooks, 1993, pp. 32-33).

“Mário era um intelectual e um homem sério”, escreve Franklin de Oliveira, “ao contrário de seu ex-amigo Oswald de Andrade, que se declarou ‘palhaço da burguesia’. Mário era tão sério que, passados os anos, (...) confessou que eles, os da Semana, não eram exemplo para ninguém. Não teve medo de dizer a verdade” (cf. **op. cit.**, p. 38).

Oliveira aponta uma estranha identidade entre os modernistas de São Paulo e o seu grande inimigo, Coelho Netto.

“... estavam praticando um **coelho-nettismo** às avessas”. Mas, se isso é (muito) discutível, o que vem em seguida, do ponto de vista político, é (muito) menos:

“Os rapazes da Semana fizeram a sua bulha de 22 em nome do espírito revolucionário. Que aconteceu em 22?”

“Poucos meses depois da Semana, nas areias de Copacabana, os Dezoito do Forte deflagraram, num extraordinário lance épico, o primeiro protesto – a ‘crítica das armas’, diria Marx – contra a República Oligárquica. Os modernistas estavam, em nome da coerência, obrigados a emprestar solidariedade a Siqueira Campos e seus heróicos companheiros. Não o fizeram. Preferiram o silêncio. Mas a solidariedade da cultura brasileira aos Dezoito do Forte não afundou no comodismo alienado dos rapazes da Semana. Ela veio pela voz de um escritor – de quem?”

“De Coelho Netto que, rompendo o bloqueio que a censura impusera à imprensa, escreveu a bela página *A aventura radiança*, de apologia aos jovens tenentes de Copacabana. Escrita a página, o *Jornal do Brasil*, do qual o romancista maranhense era colaborador, não a pôde publicar. Coelho Netto não se conformou. Levou-a a Leonidas de Resende e Pedro Motta Lima, que dirigiam *A Nação*, jornal onde defendiam os ideais revolucionários que tiveram sua expressão espartana no primeiro 5 de Julho. E foi assim que, nas colunas de *A Nação*, apareceu o destemido texto de Coelho Netto.

“Não se diga que este é um episódio extraliterário. Não. Ele serve para deixar patente que a cultura brasileira é uma cultura feita à revelia. Só assim se explica que um autor de formação e índole conservadora faça a apologia de um gesto revolucionário, de um ato de rebeldia política. Como também explica porque um grupo de jovens escritores que se propunha fazer uma ‘revolução cultural’, colocasse a sua proposta sob o patrocínio de um partido político ultrarreacionário e se deixasse gratamente prostituir nos salões da plutocracia paulista.

“Tal o caso da Semana de 1922, nutrida à sombra do PRP

e regada pelos magnatas do café. É significativo que tendo sido Coelho Netto o único escritor a assumir o elogio público dos Dezoito do Forte, Oswald de Andrade se esmerasse na composição de um poema saudando a ascensão de Júlio Prestes à presidência da República, numa farsa eleitoral que levou o país à Revolução de 1930” (cf. **op. cit.**, pp. 60-61).

Já nos referimos ao reacionarismo de alguns próceres modernistas. Aqui, queremos apenas ressaltar alguns aspectos de classe em relação ao mais incensado dos modernistas paulistanos, Oswald de Andrade – exatamente aquele que constitui, supostamente (e, talvez, sozinho), a ala esquerda do modernismo.

“*A grande tolice do meu amigo Oswald de Andrade é imaginar que descobriu o Brasil*”, escreveu Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade, em carta de 14 de dezembro de 1925. (Franklin de Oliveira, **op. cit.**, p. 22).

Drummond era insuspeito em relação ao modernismo. Mas não pôde deixar de apontar – e para Mário de Andrade – o quanto considerava Oswald ignorante quanto ao Brasil.

O grande poeta também considerava Oswald um poeta algo tosco: “A poesia dele peca por pobreza de processos. É tecnicamente mal construída”. E mais adiante: “Ainda tenho fé de vê-lo escrevendo como todos nós”. E acrescentou: “... sem os balbuciantes do Pau Brasil” (**op. cit.**, p. 23).

Oswald de Andrade não era apenas patrocinado pela oligarquia paulista. Ele próprio era um membro da oligarquia paulista, sob mais de um ângulo, um membro característico da oligarquia.

“Seu pai, ‘seu Andrade’, que lhe deu o mesmo nome de batismo, foi um dos membros da oligarquia paulista, grande proprietário de terras da cidade de São Paulo, que atuou também na vida política. (...) Em 1902, Oswald de Andrade entrou para o Colégio de São Bento onde conheceu o colega de classe Guilherme de Almeida, futuro poeta, que também fazia parte da elite paulistana. Seu pai, Estevam de Almeida, cuidaria tempos depois dos negócios do pai de Oswald de Andrade. Em 1909, Oswald ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, a mesma que frequentara seu tio, Inglês de Sousa.

(...) “O jovem Oswald passou a frequentar, ainda em 1909, uma roda de boêmios em que travaria contato com Indalécio de Aguiar, Francisco Rangel e Inácio Pinheiro, Ricardo Gonçalves e Monteiro Lobato. Oswald foi aos poucos entrando em contato com o meio intelectual e artístico; nesse mesmo ano iniciou sua carreira de jornalista no *Diário Popular* com o pseudônimo de Joswald e, ainda em 1909, conheceu

Washington Luís, assíduo frequentador dos salões da Villa Kyrial – também frequentados por Oswald.

“Como jornalista, fez várias viagens ao Rio, onde frequentou a mesma roda que João do Rio, Olegário Mariano, Olavo Bilac e Elói Pontes.

(...) “Também em 1911, às custas do pai, Oswald fez sua primeira viagem à Europa. Lá o jovem não demonstrou interesse por questões sociais do continente, que naquele momento de pré-guerra passava por uma grande crise, tão pouco tomou contato com o *Manifesto Comunista* de Karl Marx e com as manifestações políticas que organizavam a Revolução Russa de 1917. Mas voltou sua atenção exclusivamente para as manifestações literárias, em extrema efervescência, e para a vida boêmia.

(...) “Graças à fortuna de seu pai, Oswald teve uma vida de extremo requinte, sem precisar trabalhar para o próprio sustento. Em virtude de sua posição social, frequentou a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, teve acesso às rodas da alta burguesia e também ao meio intelectual.

“Como seu grande interesse era a literatura, o jovem teve garantido, graças a sua posição social, seu espaço no campo literário. Ao longo dos anos de 1910 e durante a primeira metade da década de 1920, período que corresponderia à primeira fase da formação do Modernismo brasileiro, publicou as peças *Mon coeur balance* e *Leur âme*, ambas em co-autoria com Guilherme de Almeida (1916), *Os condenados* (1922), *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924).

“Nesse período, colaborou vivamente na imprensa: fundou *O Pirralho*, foi redator do *Diário Popular*, do *Jornal do Commercio*, edição de São Paulo, e de *O Jornal*, do Rio de Janeiro, foi correspondente do *Correio da Manhã*, publicou trechos de *Memórias Sentimentais de João Miramar* na revista *A Cigarra*, foi colaborador de *A Gazeta*, foi editor da revista *Papel e Tinta*, escreveu para o *Correio Paulistano*, além de colaborar nas revistas modernistas.

“Em 1917, aos 27 anos, criou seu próprio ponto de encontro para intelectuais, quando montou uma *garçonnière* em um apartamento alugado à rua Líbero Badaró, região central da cidade, ‘onde reúne os amigos Guilherme de Almeida, Leo Vaz, Ignácio da Costa Ferreira, Monteiro Lobato, Pedro Rodrigues de Almeida, Menotti de Picchia, Edmundo Amaral, Sarti Pedro e Vicente Rao’. Nesse mesmo ano, Oswald conheceu Mário de Andrade e o pintor Di Cavalcanti; agregando-os ao pequeno grupo que formava com Guilherme de Almeida e Ribeiro Couto, começaram a projetar uma possível renovação no campo literário brasileiro.

“Oswald de Andrade, ao lon-



Oswald de Andrade (foto) não era apenas patrocinado pela oligarquia paulista. Ele próprio era um membro da oligarquia paulista, sob mais de um ângulo, um membro característico da oligarquia

go dos anos de 1920, continuou mantendo esse estilo de vida – entre intensa produção literária e extremo requinte – tão praticado pela alta burguesia. Em 1922, passou a se relacionar com Tarsila do Amaral, também proveniente de família da oligarquia; separaram-se em 1929.

“Oswald de Andrade representava o grau máximo da sofisticação na perspectiva da alta burguesia paulistana, tanto pelos seus bens materiais quanto simbólicos. Como se pôde verificar, no início do Modernismo, Oswald não manifestou interesse por questões políticas e sociais, dedicou-se à literatura e às artes, o que aumentava seu refinamento aos olhos da elite. Era essa a imagem que a oligarquia, no final dos anos de 1910 e início da década de 1920, queria ter atrelada a ela. Nesse sentido, em virtude de sua condição social, Oswald de Andrade possuía livre circulação entre as rodas da alta sociedade paulistana, com destaque aos Prado e Guedes Penteado; frequentava, também, os salões da Villa Kyrial e era amigo de Washington Luís. Somada a seu status estava a disposição de revitalizar a produção literária e artística, estilizando as tendências artísticas e sociais europeias. Desse modo, teve as condições essenciais para o Modernismo dar seus primeiros passos. Sua livre circulação tanto no meio intelectual quanto nas rodas da oligarquia paulista contribuiu fundamentalmente para que os ‘futuristas’ pudessem conquistar espaço para publicação de seus textos e divulgação das novas ideias. Nessa perspectiva, Oswald de Andrade tornou-se uma das peças-chave do que foi denominado aqui de ‘primeira fase da formação do Modernismo brasileiro’” (cf. Marcia Regina Jäschke Machado, **O Modernismo dá as cartas: circulação de manuscritos e produção de consensos na correspondência de intelectuais nos anos de 1920**, FFLCH-USP, 2012, pp. 214-217).

Oswald colocou como título de suas memórias, **Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe**.

Mais justo seria *Um homem que nunca trabalhou* ou *Um homem que nunca precisou trabalhar*.

Como tal, ele conhecia muito pouco da vida.

Uma consideração de Franklin de Oliveira é, aqui, pertinente: “*A consideração do trabalho como coisa infamante traz embutida o elogio da preguiça – a virtude máxima que une o **Manifesto** [Antropófago] ao **Macunaíma***” (op. cit., p. 27).

Os dois, aliás, são do mesmo ano – 1928, portanto, dois anos antes de 1930 –, assim como **Retrato do Brasil**, de Paulo Prado.

Embora, Mário de Andrade trabalhasse para viver – era professor do Conservatório de Música, substituindo o pai, que também lá fora professor.

Continua na próxima edição